

NOTAVEL COINCIDENCIA
OU
A JUSTIÇA DIVINA.

IV
no 2

DRAMA

EM CINCO ACTOS, UM PROLOGO

E

DITO QUADROS.

PELO DOUTOR

C. A. Corduro,



RIO DE JANEIRO.

Typ. do —Diario— de A. & L. Navarro de Andrado.
Rua do Rosario n. 84.



122500000
70113011



Elle

tra

i

non

se

DEDICATORIA.



Ilm. e Exm. Sr. conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo.

É este o 2.º volume das seis composições dramáticas, que tive a honra de dedicar a V. Ex.

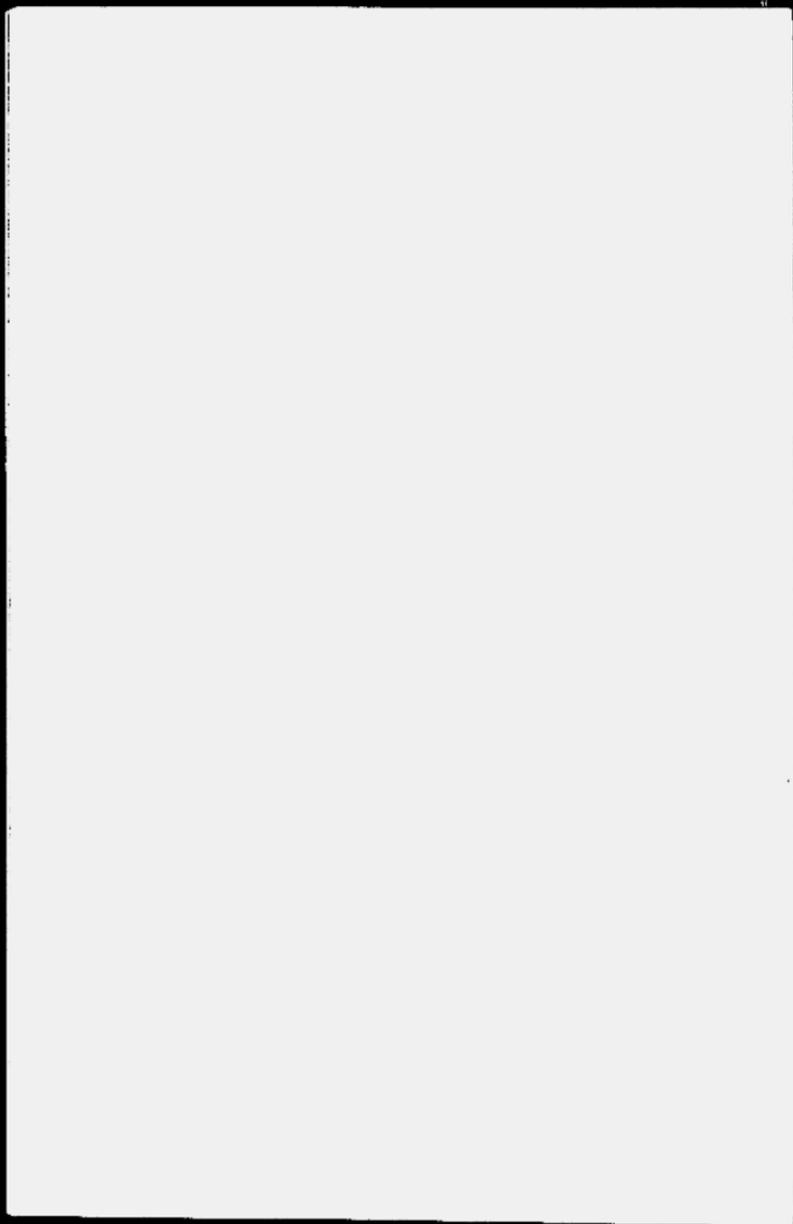
Dignando-se V. Ex. recebê-lo tão favoravelmente, como fez ao primeiro, encherá de gratidão, ao que se ufana de subscrever-se

De V. Ex.

Crêdo respeitador.

CARLOS ANTONIO CORDEIRO.





PROLOGO.



Tive dous lins muito distinctos na composição do presente drama. O primeiro foi mostrar a facilidade, com que alguns miseraveis aventureiros se introduzem no centro das familias honestas para ahi causarem as maiores desgraças, concitando pelos muitos exemplos, que no mesmo drama apresento, aos pais de familia, a que seião mais cautelosos, e que melhor escolhão seus convivas.

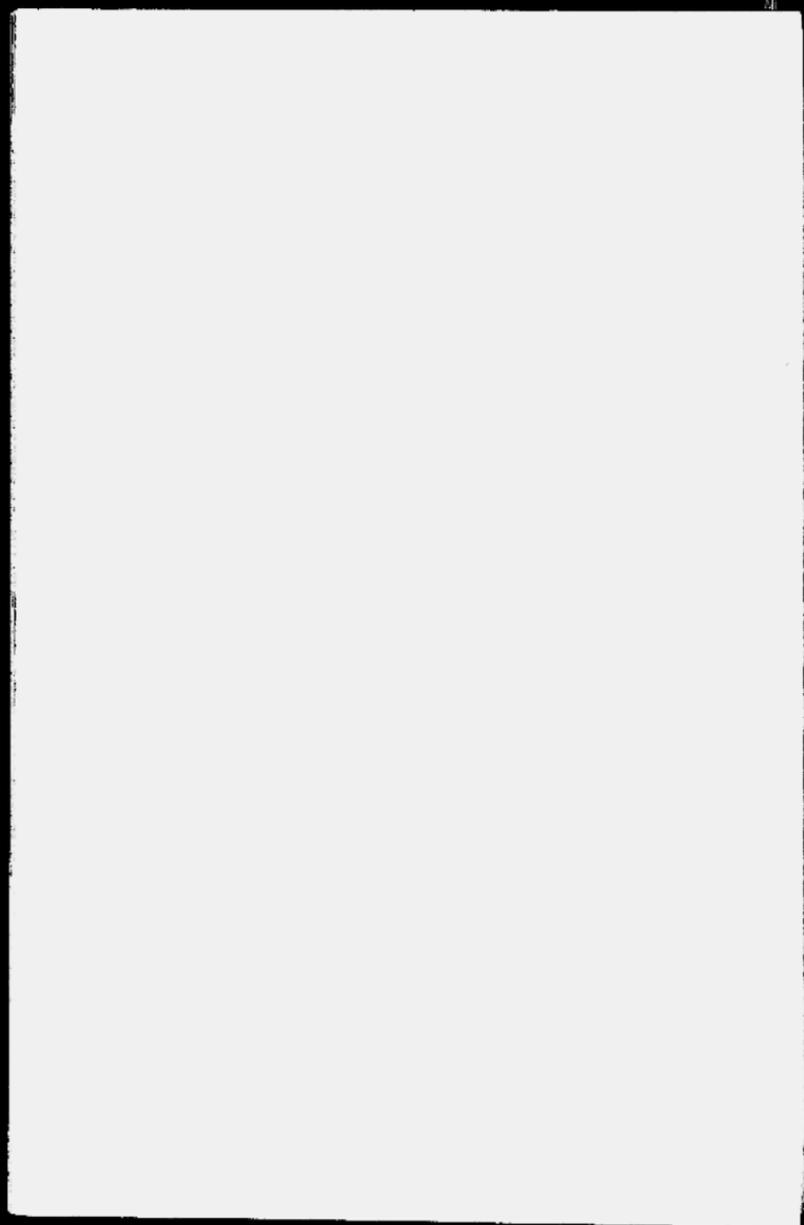
O segundo, foi tecer elogios á nossa vigilante policia, que felizmente hoje só deixa escapar os criminosos, que absolutamente não póde descobrir.

Escusado é ainda repetir, que no drama não faço alusões, nem directas nem indirectas: o seu assumpto é pura imaginação, ou antes me foi sugerido pela leitura de um romance francez intitulado —Ascalante— e portanto ninguem se deverá dar por offendido

O AUTOR,

C. A. Cordova.





PERSONAGENS

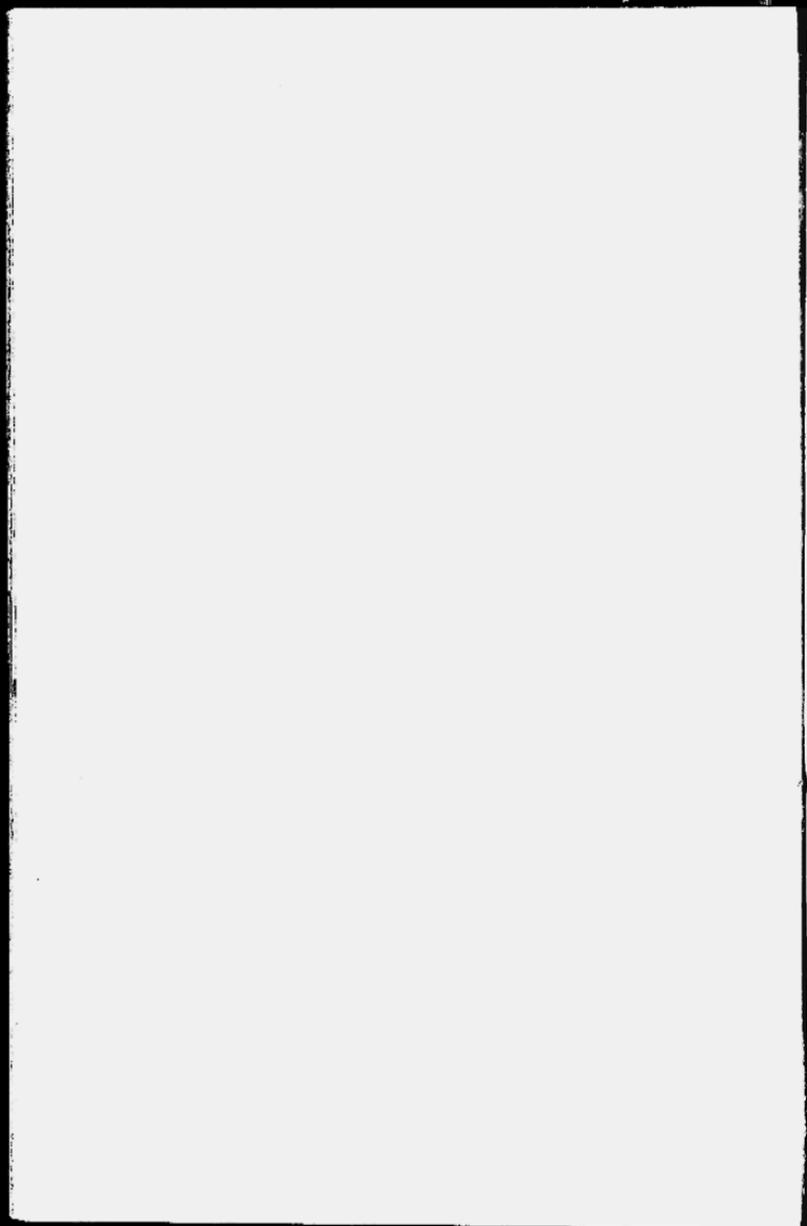
CORUJA.)
BOTICARIO.) Salteadores.
ESFOLADOR.)

ANSELMO.
JOSÉ DUARTE.
O ALFERES JERONYMO, (depois major.)
O CAPITÃO CARLOS (depois barão da Lagoa.)
RODRIGO (filho de José Duarte.)
UM CAIXEIRO.
UM SUBDELEGADO.
CHRISTOVÃO (criado de José Duarte.)
UM PREGOEIRO DOS AUDITORIOS.
UM ESCRIVÃO.
UM ESCRIPTURARIO DA CADEA.
UM SOTTA-CARCEREIRO.
UM INSPECTOR DE QUARTEIRÃO.
JOSÉ ANTONIO.)
JOÃO JOAQUIM.) Convidados de Jeronymo.
PEREIRA . . .)

ELISA, (filha de José Duarte.)
LEONIDA, (filha de Anselmo.)
GERTRUBES, (criada de Elisa.)
MARIA JOANNA, (mãe de Leonida.)
LEONOR, (mulher de José Duarte.)
DOMINGAS, (mulher ordinaria.)

Permanentes, convidados de ambos os sexos.

A scena passa-se no prologo no Rio Grande, e no resto, nesta cidade em 184.....



PROLOGO.



O theatro representa um campo, onde se deu uma batalha. O campo está sem vegetação, e mesmo as montanhas, que o cercão, estão despidas de arvoredo. Soldados e alguns officiaes jazem mortos em diferentes posições. Veem-se espalhados alguns trens de guerra, como carretas, peças, tambores, espingardas, espadas, &c., &c. Ao lado esquerdo, bem na boca da scena, ha um pavilhão com uma grande janella de vidraca, (que deve abrir-se) a qual dá para o espectador, e outra tambem de vidros, dando para o lablado. O pavilhão deve ser feito de madeira, que deixe ver todo o seu interior. Noite avançada e escurissima, relampagos com pequenos intervallos (1).

SCENA I.

O TENENTE JERONIMO E O CAPITÃO CARLOS

(*ambos estão feridos e deitados junto ao proscenio.*)

CARLOS (*levantando a cabeça.*)

Minha mãe! minha pobre mãe! o que será della quando receber a noticia de minha morte? De certo succumbirá a este golpe!

JERONIMO (*olerando o corpo.*)

Que é isto, meu capitão? tão valente no combate, e agora quer perder a coragem? nada de desanimar! A noite está avançada. . . mais duas, ou tres horas, e chegarão as ambulancias para o transporte dos feridos.

CARLOS.

Ellas chegarão já tarde, amigo, o meu braço foi fracturado em duas partes, e a grande quantidade de sangue, que hei perdido, retendo-me neste lugar humido, e ao lento, causa-me um mal de morte. Estas dores. . . estas contrações horribes! são evidentes signaes de tetano! . . . (*gemendo*) Ai! . . .

(1) A direita ou esquerda é tomada da scena.

JERONIMO.

Qual tetano! Esse tremor e effeito da chuva e do frio; se pudesse agazalhar-se, e mudar de roupa, estou, que todos os seus incommodos desaparecerião. . . . *(olhando para o pavilhão)* Este pavilhão? . . . Se ao menos nos fosse dado abrigar-nos de baixo do seu tecto! . . . ora vejamos. . . vejamos, se o conseguimos, inda mesmo com algum esforço. Experimente, se pôde levantar-se. . . eu o ajudarei *(força para levantar-se.)* Ah! Presumi mais do que devia das minhas forças! . . . Meu Deus! que vertigem! A luz me foge! . . . *(cahe estendido no chão)*

CARLOS.

Alma generosa! teus ultimos momentos forão consagra-dos á amizade! . . . porém em breve te acompanharei! . . . o frio, que me percorre pelas veias, bem denota. . . que o meu fim está proximo! . . . Esta allição! . . . este suor! . . . Oh! minha querida mãe! . . . minha querida mãe! . . . recebe o meu derradeiro adeos! . . . Ah! *(cahe)*.

SCENA II.

OS MESMOS E CURUJA.

(Coruja vem vestido de andrajos, e deve ter os cabellos de maneira, que lhe dêem um aspecto hediondo: traz na mão esquerda uma grande saca de ponta sem bainha. Descendo da montanha para o campo, o examina encostando a mão aberta na testa mui attentamente, e certo de que ninguém o observa, lança-se sobre os cadaveres a revolver-lhes as algibeiras, barretinas, morillas, etc., etc. Depois de nisto gastar algum tempo vem para a scena.)

Com mil diabos! . . . julgo que perdi o meu tempo! nem a mais pequena moeda tenho encontrado até agora! parece, que todos estes malditos se ajustarão para roubar-me!

e que repartirão em vida quanto tinham, para que não me tocasse cousa alguma por sua morte ! mas isso é uma injustiça ! eu vim de tão longe, afrontei tantos perigos para recolher a herança, e não posso voltar com as mãos abanando ! Inda mesmo que se repita. . . o que aconteceu ha dous mezes, não ficarei sem castiça *volta como quem quer dirigir-se ao fundo da scena, e ali divisa duas figuras paradas.* Quem serão aquelles dous vultos ? Se não forem amigos, sentirão todo o frio deste ferro *branda a face.*

SCENA III.

O MESMO, ESFOLADOR E BOTICARIO.

BOTICARIO *no fundo.*

Mau ! temos gente de mais ? Isto não nos faz muito bom cabelo !

ESFOLADOR *(a Boticario).*

Se for espião, com um simples abraço o despacharei. Não será aquella figurinha, que me metta medo. Tenho estrangulado muitas onças, e pouco me custa mandar mais aquelle bilro de presente ao inferno. Avancemos e vamos reconhecer-o *chega-se a Coruja.* Quem és tu, e o que fazes ali ? Responde depressa.

CORUJA.

Por Satanaz ! que conheço esta voz ! Os diabos me levem, se não é a do Esfolador !

ESFOLADOR.

Mil raios me confundão, se não és o Coruja ! Olha, Boticario, onde havíamos de encontrar este malandro ?

BOTICARIO.

No lugar que lhe é proprio. Onde cheira a defunto, ali se achão as corujas.

CORUJA.

O Boticario tambem por cá ! Isto deve ser grande marteira ! Que diabo vem vocês dois lazer a esta bora, a este campo ?

ESFOLADOR (*vindo com os outros para a scena.*)

Nós t'o diremos ; mas primeiro conta-nos, porque milagre escapaste da morte, a que te condemnou o conselho de guerra pelo assassinato e roubo do Major Penafior.

CORUJA.

Ora da maneira a mais simples, e mais natural. E bom será mesmo, que eu lhes conte, para julgarem quanto a fortuna me protege. Escutem lá : — Na vespera da minha execução, como chuvia a cantaros, a escolta, que me guardava, assentou que amarrando-me bem á roda de uma carreta, que estava no campo, podia dormir a somno solto. Quiz o meu bom demónio, que a carreta, a que me ligarão, estivesse cheia de armamento. O acaso vuou prompto em meu socorro. Como os meus guardas rressonavão á maneira d'um furacao, concedendo-me porisso tempo para pensar nas unizerias da vida, reparei que só os braços e pernas estavam amarrados, e que eu podia dobrar para traz, quanto quizesse, a parte superior do corpo. Cançado de estar de pé tentei ao menos reclinar a cabeça sobre a carreta, e neste ensejo toquei com a face no punho de uma espada desembainhada. A desesperação é a melhor inventora do mundo, e o me-

do da morte um excellenté especulador. Voltando quanto pude a cabeça, apanhei com a boca a espada, e depois endireitando-me, comecei a roçar seu fio pelas cordas, e desta maneira consegui desatar um braço. Alcançado isso, tudo o mais me foi fácil, e n'um abrir e fechar de olhos divorcei-me da carreta, e ainda mais da tal escolta, que era em verdade uma companhia bem incommoda. Apenas me vi livre, puz-me a correr pelo campo, como um veado, até que a linal cahindo em um brejo, deixei-me por cautela ali ficar, e confesso que nunca passei um dia mais fresco, tendo agua até ao pescoço. A escolta, como sube depois, que nenhum interesse tinha em dizer, que eu fugira, deu parte ao Quartel-General, que n.e matára, por que tentei resistir-lhe. O tiroteio, que houve mesmo nessa madrugada, não deu lugar, a que se examinasse esse negocio, e pela minha parte é bem de ver, que nunca procurei esclarecel-o. Mas nao tendo dinheiro, e andando sempre escondido pelos campos e montanhas, tenho passado uma vida bem cruel.

ESPALADOR.

Consola-te comigo, que tambem não me tenho deitado em colchoes de pennas. Sabes que sempre consegui, depois de muito custo, mandar pera o céo aquelle Sancto Padre Roza livrando-o do penoso trabalho de guardar as suas duas mil onças. . . . porém que s'olenne pu-lha me pregarão os taes senhores empregados da Policia?! Tomarão-me o dinheiro, e ainda em cima quizerão por-me á sombra na cadeia. Oh! mas n'isso não consenti. oppuz-me formalmente, e dei as gambias deixando-lhes sempre ficar dois dedos desta mão, que bem falta me fazem.

BOTICARIO.

Este mundo é uma composto de injustiças, e os homens são uns ingratos? Quem diria, que eu tambem per

uma simples bagatella ver-me-hia forçado a correr montes e valles, como uma cabra cabriola! Ah! meus amigos, vocês merecerão a sua sorte; porem eu, não.

CORUJA.

Então, que bagatella foi essa de que fallas?

BOTICARIO.

Ainda menos que nada. Tendo a minha boa senhoria, a Sra. D. Mi hacla, que Deus haja, convidado-me para fazer-lhe seu testamento, que ella não podia por achar-se paralytica, escusei-me com pretexto de ter má letra, mas levei-lhe um dos meus praticantes, que era entendido na materia. Essa hydra, que em meu peito aqueci, escreveu tudo quanto a velha dictou, só trocando o nome de um sobrinho da testadora pelo meu, que por essa pequena alteração tiquei sendo seu universal herdeiro. O testamento foi approvado com todas as formalidades, e como a velha estivesse renitente em não querer aviar-se, um dia enganei-me na dese do remedio, que lhe devia preparar, e ella fei abalando com os caximbos. Já o testamento tinha sido mandado cumprir, já eu hia entrar na posse da herança, quando o tal meu praticante sahio-me com embargos, querendo metade. Revoltei-me contra semelhante ladroeira! procurei mesmo entrar em artigos de accomodação; mas qual? o perverso foi denunciar-me—contar tudo, e da noite para o dia vi-me pobre, reduzido á miseria, e obrigado a fugir, como se fosse um vil criminoso.

CORUJA *(ironicamente.)*

Sim? isso é uma tyrannia! O Governo ainda té devia dar um premio!... mas estamos a perder tempo, e a noite vai findar... Vocês disserão, que tinham grande negocio... saibamos qual é elle. eu tambem posso ser de alguma utilidade.

ESFOLADOR *(ao Boticário.)*

Já agora aproveitemos este diabo, que é famoso!

BOTICÁRIO *(ao Esfolador.)*

Pois julgas que o não conheço? *(ao Coruja.)* Escuta. O José Duarte da cidade de Pelotas, depois de haver reduzido a dinheiro todos os seus bens, retira-se para o Rio de Janeiro, onde tenciona estabelecer-se. Já mandou adiante toda a sua bagagem, e agora vem só com a mulher e dous filhos, que são duas crianças. Sei que traz consigo muito dinheiro e joias, e assim, se por meio de alguma industria pudéssemos apanhá-las. . . nossa fortuna estava feita, e em qualquer paiz do mundo passaríamos vida soccagada e cheia de regalos.

CORUJA *(depois de reflectir.)*

A descoberta é optima; porém muito arriscada.

BOTICÁRIO.

Qual arriscada?! Nós somos tres, e a tudo decididos. *Apparece uma luz no parilhão.*

CORUJA.

Silencio! que temos ouros na costa. *(Agachão-se e fãã de observação.)*

SCENA IV.

OS MESMOS E D. LEONOR *(com uma luz na mão)* e
sua filha no pavilhão.

(Leonora está em trajes de quem vai montar a cavallo. Apenas entra, põe a luz sobre uma mesa e também uma caixa que traz na outra mão. Vem á janella, abre-a, e olha por algum tempo para o céu.)

LEONOR.

Não me foi possível pregar olho toda a noite! Nestas proximidades houve hontem uma acção, e por mais que meu marido procurasse tranquillisar-me, estive sempre desasosegada! Ainda não amanheceu, e estou anciosa para ver-me já daqui bem longe, sobretudo estando depositaria de grande parte de nossa fortuna, encerrada naquella caixinha.

CORUJA *(ao Esfolador.)*

Ouviste! . . ha uma caixinha! Não temos tempo a perder. Um momento de decisão nos tirará da miseria. Preparemo-nos e assalteemos a praça.

ESFOLADOR E BOTICARIO.

Vamos (os tres quebrão a janella da parte da scena, saltão dentro do pavilhão, e o Coruja apodera-se logo da caixinha.)

D. LEONOR *(gritando.)*

Meu Deus! soccorro! *(Esfolador lança-se a ella e a estende morta com uma facada.)*

ELIZA (*vendo a mãe cair.*)

Mamãe! (*chora e cae sobre o seu corpo.*)

BOTICARIO (*tapando-lhe a boca.*)

Cala-te, tolinha!

CORUJA.

Saffemo-nos quanto antes.

ESFOLADOR.

Que faremos desta criança?

CORUJA.

E' bom leval-a, que nos poderá servir de alguma utilidade (*Esfolador põe às costas a menina e todos saltando pela janella correm para o fundo e lado opposto da scena.*)

SCENA V.

JOSÉ DUARTE e RODRIGO (*seu filho de 7 annos.*)

JOSÉ DUARTE.

Vamos, Leonor.

RODRIGO (*olhando a Leonor.*)

Meu Deus! está morta?!?

JOSÉ DUARTE.

Morta?!? E minha filha?

RODRIGO (*procurando-a.*)

Não está aqui !!!

JOSÉ DUARTE.

Bondade divina! (*cahem ambos de joelhos juntos de Leonor.*)

Fim do Prologo.



ACTO I.

O theatro representa uma sala mobiliada e com alguma elegancia, tendo um espelho sobre um consolo. Portas de entrada á direita da scena, no fundo tres janellas. Do lado esquerdo, portas para o interior.

SCENA I.

CORUJA *(debaixodo nome de Benjamin, trazendo cabel-leira e suissas postigas, que o desfigurao completamente, e auxiliao o ar arrogante, que elle toma. Ao levantar do panno estú elle recostado em um sofá, fumando, e lendo o Jornal do Commercio. Persiste por algum tempo nessa attitude, e depois levanta-se e vem para a scena.*

CORUJA.

Maisuma embarcação chegada do Rio Grande! Diabo! ha um tempo a esta parte, e sobretudo depois da cessação da guerra, aportão barcos a esta enseada vindos do Sul, quasi todos os dias. Ora, conquanto se tenha operado em meu physico mudanças consideraveis, nem assim me julgo muito seguro, e a cada passo tenho tremores involuntarios. Quando algum desconhecido com ar se não ser filho d'aqui, ou mesmo quando algum militar me encara por qualquer acaso, sinto-me acconmettido de tão grande receio, que ás vezes não o posso vencer. No tempo em que eu era criança, ouvi dizer muitas vezes, que o diabo esconde os seus; mas deixa-lhes a ponta da cauda de fóra, e é talvez devido a estas supersticoes da infancia, que vivo tão desaçogegado. Porém pensando bem não ha motivos para ter sustos. Hoje senhor deste bello hotel, passado vida de cavalheiro, ninguém se atreverá a dizer que sou o — Caruja de outr'ora, maxime achando-me nesta optima Cidade do Rio de Janeiro, onde goso plena liberdade, sem que a policia se venha intrrometer comigo. De dia avindo os freguezes, e dando-lhes gato per lebre, tiro-lhes quanto passo, e ganho com elles mais de cento por cento; porque este negocio é como o das boticas,

onde mais ou menos agua regula a quantidade dos lucros. A noite jogando o bemaventurado lansquenet, ou arrumo o meu macette, e dou as minhas vinte sortes, ou subtrahindo grande copia de cartas de va'ores iguaes, aposto sempre nas contrarias; e por isso nunca deixo de ter vantagem certa. Os papalvos jamais faltão, e é essa a razão porque me abundão parceiros. Mr. Victor Ducange diz, que este mundo se compõe de duas classes: uma de velhacos, outra de simples, e enquanto esta não se extinguir, hei de fazer fortuna! (*puxa pelo relógio e vê as horas*). Oh la! já são mais de 10 horas, e não apparece, nem o general, nem o Sr. Tompson! hirbantes! ficarão de vir almoçar comigo para tratarmos do grande negocio, e até agora não apparecem! pois não os espero mais. Vou tratar de fazer bem ao estomago, e quando elles chegarem, arranjar-se-hão como lhes parecer. Pensa o Esfolador, que por haver arrogado a si o titulo de general Peruvianno, ou o diabo, que o leve, eu hei de estar ás suas ordens? Está muito enganado. Nem elle, nem o tal boticario (hoje o Sr. Tompson ing'ez, feito ás pressas), são em nada melhores do que eu: e se quizermos bem apurar a cartilha, elles dependem mais de mim, do que eu delles; porque sou mais vivo, tenho mais juizo, e se alguma cousa boa tem elles arranjado, a esta cabeça o devem (*toca uma campainha*).

SCENA II.

O MESMO E LEONIDA.

Chamou-me, Sr. D. Benjamim.?

CORUJA.

Não a chamei, porém já que veio, diga a um dos caixeiros, que venha servir-me o almoço nesta sala.

LEONIDA.

Vou cumprir as suas ordens (*faz-lhe uma fuceira e vai-se*).

SCENA III.

CORUJA (*só.*).

Esta rapiga filha da minha creada, aborrece-me com seus olhares languidos e ternos, como se eu ainda estivesse em idade, ou tivesse tempo para entreter-me com intrigas amorosas ! Se não fosse a extraordinaria e espantosa semelhança que existe entre esta e a outra . . . já a teria posto no meio da rua para desenganal-a, de que não sou desses papalvos, que se deixão seduzir pelos primeiros bellos olhos, que se lhes apresentam ; mas como é em tudo e por tudo seu retrato hei de tirar disso grande partido, e então não ha remedio, se não fingir, que gosto della, e que talvez algum dia lhe darei o nome de esposo.

SCENA IV.

O MESMO E UM CAIXEIRO.

O Sr. general Santiago e o Sr. Thompson estão na sala de abaixo e querem fallar-lhe.

CORULA.

Em fim chegarão (*ao Caixeiro.*) Mande-os entrar.
(*O Caixeiro vai-se.*)

SCENA V.

CORUJA (*só.*)

Hoje ficará tudo decidido. A empreza é arriscada, porém se for á vante. . . . na França, na Italia, ou mesmo nos Estados-Unidos, irei ser um principe. estrangeiro, já se sabe. . . . Chegão meus nobres hospedes.

SCENA VI.

O MESMO, ESFOLADOR (*debaixo do nome de general Santiago*) E O CHICO BOTICARIO (*debaixo do nome de Thompson.*)

(*Esfolador traz diversas condecorações : ambos vem disfarçados com bigodes, barbas, etc., etc.*)

CORUJA (*indo a elles.*)

Com effeito ! fizeram-me esperar, como se fossem alguns ministros de estado !!! Já não contava com VV. EEX., tanto que já tinha mandado servir o meu almoço.

BOTICARIO.

Meu caro, um incidente de mau agouro fez demorarmos mais do que queríamos. Sabes que, se já não estamos descobertos, ha pelo menos quem desconfie do que somos na realidade ?

CORUJA

Como assim ?

ESFOLADOR.

Esta manhã, quando sahiamos da igreja do Carmo, depois de havermos ouvido devotamente a nossa missa, á porta da igreja parámos e começámos a dar algumas moedas de cobre aos diversos mendigos, que atrovão os ares com suas costumadas lamurias. Bem sabes, que ouvir missa e dar esmolas, faz adquirir boa reputação. Depois de esgotados os bolsos já nos íamos retirando, quando um velho com visos de doido, se chegou a nós e disse : Então eu fico sem esmola ? Como pela minha parte já não tinha mais dinheiro náudo, respondi-lhe com voz benevola : « Perdoe, irmão,

será para outra vez, que agora não ha mais. » Elle carregando as sobranceiras, tornou-me : Paciencia ! No Rio Grande já os conheci mais pobres do que eu estou, no entanto hoje um está general e outro baronete ; acompanhando isto com uma estrepitosa gargalhada, que nos fez perder a tramontana. Apesar desse homem passar por doudo, a prudencia ordenava, que o evitassemos e teimando elle em seguir-nos, preciso foi tomar um carro no largo do Paço, dar mil voltas pela cidade, a fim de que elle nos perdesse de vista, e eis a razão da demora. Porém, como já aqui estamos, tratemos de almoçar, que tenho uma fome de mil diabos.

BOTICARIO.

Tambem eu a tenho, mas os negocios em primeiro lugar e todo o tempo é pouco. Falla, D. Benjamim, qual é essa grande empreza, cujos detalhes hontem não desenvolveste ?

CORUJA.

Eu lhes digo. Lembrades estarão de que naquella noite em que empalmámos a caixinha, dei-lhes o salutar conselho de carregarem com a menina. Por circumstancias, que vocês não ignorão, sabio ella de nosso poder, porém depois de algum tempo tornamol-a a encontrar em companhia de Jeronymo, hoje o Sr. major, que achou-a, não sei como, e que a trata por filha. O destino que nos protege, trouxe para minha casa uma mulher, cuja filha é o retrato fiel da tal menina. Logo que vi esta rapariga, formei tenção de tirar partido de sua extraordinaria semelhança, e este partido é o seguinte. O José Duarte, apesar de chorar constantemente a morte da mulher e ausencia da filha, não se tem descuidado de augmentar seus capitaes. Está hoje com uma fortuna colossal. Ora, se nós lhe fossemos restituir essa filha tão querida e tão lamentada, quão grande recompensa não nos daria elle ?

ESFOLADOR.

Por certo! por certo! A lembrança é riquíssima!

BOTICARIO (*com despreso.*)

E é esse o grande negocio, que nos prometteste? Por muito, que elle nos dê, nunca será tanto, que nos ponha ao abrigo de necessidades. . . . e fóra do alcance da policia.

CORUJA.

Que corja de imbecis?! o que seria destes miseraveis, senão fosse o meu grande talento? A filha, que eu pretendo restituir ao pai carinhoso, será a esposa de um de nós, e logo que o dote esteja recebido. . . .

ESFOLADOR.

Ah! agora comprehendo, meter-nos-hemos em cobres, e então safe-se quem poder.

CORUJA.

Té que enfim comprehendêrão!

BOTICARIO.

E esta rapariga, que tens em casa, prestar-se-ha ao engano?

CORUJA.

Creio que sim. . . . é uma louquinha, que morre por divertimentos e modas. No entanto por cautella por ora não lhe fallarei do engano, antes hei de assegurar-lhe, que descobri seu pai, que ella casará com um homem rico, etc., etc., depois então de fazel-a saborear a idéa da magnificencia e da grandeza, tocar-lhe-hei no ponto cardeal.

ESFOLADOR *(batendo-lhe no hombro.)*

E's um homem inimitavel! E já se sabe, que o escolhido para casar com a pequena, devo ser eu, porque... emfim, sempre sou um general!... condecorado!... e além disso aprendi latim, faço o meu verso...

CORUJA.

Nada: deve ser o Sr. Tompson *(apontando para o Boticario.)* Tu és um estouvado e serves mais para... *(faz signal de matar)* ao passo que elle é homem de salão... dança, toca seu bocado de piano e sobretudo, dá-se por inglez. Esta ultima qualidade tem muita preponderancia nas familias brasileiras. Para ellas basta ser inglez para ser bom amo, bom marido, homem de bem, &c., e a prova é que até pelos jornaes, quando hoje se annuncia um creado, um copeiro, uma ama de leite, accrescenta-se logo, que prefere-se casa ingleza.

ESFOLADOR.

Está bom, contanto que o dote se reparta, o mais pouco me importa.

BOTICARIO.

E se neste entretanto a outra apparecer?

CORUJA.

Foi com o Jeronymo para a ilha do Governador, e por estes dous mezes não ha perigo... contudo se ella pudesse ausentar-se de uma vez, ficaríamos livres desse tropeço para sempre.

ESFOLADOR. (*depois de pensar*)

Pois não ha nada mais facil. Tenho de fazer uma visita ao major Jerenymo, e nella tudo se arranjará.

CORUJA.

Porém cautella. . . evita as precipitações.

ESFOLADOR (*como offendido.*)

Senhor, deixe esse negocio por minha conta, que eu prometto dar solução do recado.

SCENA VII.

OS MESMOS E O CAIXEIRO.

CAIXEIRO.

O almoço está prompto.

ESFOLADOR.

Santa palavra ! Vamos a elle, que estou capaz de comer um boi !

CORUJA (*ao Boticario.*)

Vamos matar a fome a este lobo, e depois ainda conversaremos sobre o mesmo assumpto (*vão-se pela direita com o caixeiro.*)

SCENA VIII.

LEONIDA (*entrando, dançando e cantando.*)

Tenho promessa de ir esta tarde ao passeio, e de noite ao theatro. Que felicidade! Desde que minha mãe veio para esta casa, isto me tem acontecido bem raras vezes! gostando eu aliás tanto de passeiar, e tendo um genio a'egre! (*passaia*). Se algum dia me casar, só me hei de occupar de bailes, theatras, passeios, divertimentos, &c. (*entristecendo-se*). Mas como me hei de casar, se sou pobre, sem nome e sem familia? Verdade é, que dizem, que sou bonita, porém isto hoje de que serve? Os senhores mocinhos de agora, quando se falla de alguma moça, perguntão logo — falla francez? — tem boa livraria? quantos volumes? isto é, quantos contos de réis traz de dote, sem se importarem de mais causa alguma, e isto é muito mal feito. Por isso eu me alegre, quando algum vai atraz do dinheiro, e encontra um dragão, que o não deixa pôr pé em ramo verde. Assim devião ser todas, para ensinarem aos especuladores de casamentos ricos (*passaia*). Este Sr. D. Benjamin não é nem moço, nem bonito, comtudo, se eu o podesse pillar?... seria bem bom partido... Tem dinheiro, e em falta de outras qualidades... não deixava de fazer conta. Pela minha parte não perco occasião de mostrar-lhe, que lhe sou afficta. Se não conseguir os meus intentos, não será por falta de diligencia.

SCENA IX.

A MESMA E MARIA JOANNA (*sua mãe.*)

MARIA JOANNA (*entrando.*)

Que fazes ahí, Leonida, a fallar só contigo como uma douda?

LEONIDA.

Estava pensando no prazer, que hei de gozar no passeio
e no theatro.

MARIA JOANNA.

Tambem só pensas em futilidades !

LEONIDA.

E em que mais hei de pensar, mamãi ? Na minha idade, ou não ha cuidados, ou se os ha, são mui passageiros. As occupaçoens das meninas solteiras consistem em enfeites, fitas e teteias, que as tornem mais bellas. A satisfação de seu amor proprio, é a sua molina, embora muitas vezes lhes seja preciso fazer grandes sacrificios. Ora diga, mamãi, ha cousa, que mais agrade, do que ouvir um elogio ? como ficamos contentes, quando ao passar por um grupo de moços, elles dizem baixinho — Que anjo ! que belleza ! que elegancia ! — A gente finge não ouvir ; algumas vezes mesmo torce um tanto o nariz com ares de enfado, porém sabe Deos, como o coração vai pulando de prazer ! E' enganar ! não ha moça nenhuma, e não sei, se mesmo velha por mais feia que seja, que não goste, de que lhe fação elogios.

MARIA JOANNA.

E's uma tolinha.

LEONIDA.

Se o sou, todas da minha idade tambem o são, porém se lhe estou aborrecendo, vou para dentro mudar o laço de fita do meu chapéo para sahir esta tarde bem casquilha. Mamãi, quando estiver prompto, lh'o virei mostrar *(dá um beijo em Maria Joanna, e vai correndo e saltando para dentro.)*

SCENA X.

MARIA JOANNA (*só, olhando por algum tempo.*)

Pobre criança ! Não sei, o que virá a ser de ti ! o luxo e os divertimentos são tuas unicas idéas, e eu não tenho meios para satisfazer o teu gosto (*pensa.*) Que bem triste sorte foi a minha ! Bem nascida e bem creada, hoje vejo-me tão malfadada ! Convencida por um homem, que julgava adorar-me, seduzida por suas promessas, em uma noite fatal fugi da casa de meu tutor e cunhado, e essa noite bastou para fazer a minha continua desventura ! O homem a quem segui, chamado ao serviço da guerra, que então assolava a minha provincia, vio-se obrigado a deixar-me, quando já eu trazia no seio o fructo de um amor illegitimo ; porém que deveria ser em breve sanctificado. Depois da sua retirada nunca mais tive noticias d'elle, e nem sei mesmo, se e vivo, ou morto. Tendo dado á luz a minha pobre Leonidia entre dores e privações, quando a guerra cessou, julguei que talvez seu pai, como militar, se houvesse recolhido a esta capital ; por isso, juntando os poucos recursos, que me restavão, tambem para aqui me dirigi ; mas as minhas pesquisas e as minhas diligencias tem sido infructuosas, e só tenho adquirido a certeza, de que sou uma mulher perdida, e que minha Leonidia é uma filha natural. Oh ! Deos perdoe a quem foi causa de tudo isto ! Se não fesse a ambição de meu cunhado e tutor, se elle não quizesse por mais tempo desfructar os bens de sua pupilla, teria por certo consentido no meu casamento com seu irmão, e hoje viveriamos felizes : no entanto por lares extranhos, longe de meu paiz, sem ter mesmo a quem pergunte por meus negocios, passo necessidades, e estou reduzida á condição de criada para poder obter o triste alimento ! Ah ! José Duarte ! José Duarte ! tú és o unico responsavel pelas minhas desgraças ? !

SCENA XI.

A MESMA E LEONIDA.

LEONIDA (*vindo de dentro com um chapéo na mão.*)

Veja, mamãe, veja como agora está bonito, depois que lhe mudei o laço!

MARIA JOANNA.

Está bom, não me quebres a cabeça, que não estou hoje para aturar as tuas criançadas. Fica-te com teu chapéo, que eu vou dar providências ao jantar (*vai-se*).

SCENA XII.

LEONIDA (*so*).

E esta!... chama criançada, porque já não é moça! Tomára saber, se quando tinha a minha idade não havia gostar bem de enfeitá-se? (*mirando o chapéo*) Porém como está bonito o meu chapelinho? Como hei de ficar linda com elle e o meu vestido de larege azul?... Esta tarde no passeio toda a rapaziada fica de queixo caído!... e eu?... feita uma príncessa (*com orgulho*)... nem caso. (*D'aquí em diante a actriz representa o viro quanto diz, pondo o chapéo sobre a mesa*). Andarei nas pontinhas dos pés, balançando levemente a cabeça para mostrar flexibilidade de cintura; com dous dedinhos da mão esquerda, levantarei a parte dianteira do meu vestido. Isto parecerá, que é para não pizal-o, por ser muito comprido, mas servirá também para mostrar o meu pésinho, que não é dos mais mal feitos. Na mão direita levarei meu lindo guarda sol, em fórma de bengala, e então quando me disserem alguma graça (que de certo me hão de dizer) fazendo um bico, ou dando um pequeno moxoxo, porei tontos mais de trinta

mocos. Vamos n'aquelle espelho experimentar o chapéo, e ver se me fica bom. (*Vai tomar o chapéo á mesa, onde o tinha posto, e depois chega-se ao espelho para arranjá-lo na cabeça.*)

SCENA XIII.

A MESMA, CORUJA, ESFOLADOR, E BOTICARIO

CORUJA.

Que é isto? Pois já vai sahir? Ainda é muito cedo para o passeio.

LEONDA (*envergonhada tirando o chapéo.*)

Não, senhor, estava só experimentando a ver, se este chapéo me ficava bem.

BOTICARIO.

Com tão angelico semblante julga haver cousa, que lhe lique mal?

ESFOLADOR.

A menina é uma daquellas creatuaras celestes, que póde andar, como quizer, na certeza de que sempre agradará.

CORUJA.

No entanto ainda não achou marido, e seus lisongeiros nada tem feito em seu abono.

BOTICARIO.

Ainda não é tarde! é tão criança, que não admira.

LEONIDA (*chorando.*)

E tambem sou orphã e pobre.

CURUJA.

Assim é; mas eu serei a sua providencia: com uma varinha de condão, que Deos me deu, dar-lhe a um tempo pai, riqueza e marido.

LEONIDA (*muito admirada.*)

O senhor está zombando de mim?!

CURUJA (*com voz de persuasão.*)

Não, minha filha, não zombo, fallo sério. Depois de muitos esforços consegui descobrir, quem era seu pai. Elle existe e é um negociante rico. Quero lançal-a em seus braços, e depois de passados os primeiros transportes de alegria, um noivo digno se apresentará a pedir a sua mão.

LEONIDA. (*muito alegre.*)

Meu Deos! será verdade? o senhor não me está enganando, Sr. D. Benjamin?

CURUJA.

Como engana-la, minha filha? com que interesse havia eu de dar-lhe tão agradável noticia para depois não realizar-se?

LEONIDA (*reflectindo.*)

Assim parece (*muito contente dando palmas.*) Que felicidade! vou já tudo dizer a mamãe (*vai-se para dentro correndo!*)

CORUJA.

Espere, venha cá (*retendo-a.*) Nem palavra a tal respeito a sua mãe, do contrario está tudo transtornado. Ora diga-me, ella já em alguma vez lho fallou ácerca de seu pai?

LEONIDA (*procurando lembrar-se.*)

Nunca, antes muda de conversa, quando nisso lhe toco.

CORUJA.

Pois eis ali explicada a razão por que exigo segredo. Ouverão cousas extraordinarias entre seu pai e sua mãe! se ella souber que a senhora quer ir para o poder delle, é capaz de mata-la para que tal cousa não aconteça; portanto, minha menina, se quizer ser feliz e andar no galarrim da fama, nem uma só palavra por ora. Bem vê, que eu a estimo, que sou um homem serio, e incapaz de a enganar. Assim lie-se inteiramente na minha probidade, e faça tudo, que eu lhe aconselhar. Em quanto não chega o dia da apresentação, segredo e prudencia. Amanhã tornaremos a fallar deste mesmo negocio, então lhe darei algumas instruções. Por hoje vá pôr-se muito bonita para o seu passeio. Adeos (*vai-se.*)

ESFOLADOR.

Escravo da bella deidade (*vai-se.*)

BOTICARIO.

Oh mais fervoroso admirador de seus encantos (*vai-se.*)

(1.292.599.1.2.18/5/2010)

SCENA XIV.

LEONIDA (só.)

Tudo isto para mim é um sonho! Não sei n. esmo, se devo acreditar, no que elle me disse? não sei se devo alegrar-me, ou intristecer-me? Pai! riquezas! marido? tudo a um tempo? me parece muita felicidade junta (*medita.*) Mas adex! como são cousas boas, que arrisco ou perco eu em accepta-las?... Nada. . . ponhamos o coração á larga, e recebemos a fortuna, que a sorte nos offerece (*retira-se cantando.*)

Fim do 1.º quadro.



ACTO 1.º

QUADRO II.

O theatro representa uma clacara na Ilha do Governador. To lado direito da scena ha uma casa tercea de vi'raças com porta de entrada no meio. Do lado esquerdo um caramanchão. No fim do do theatro o mar e na praia do lado esquerdo a ponta de um escarpado rochedo.

(É noite de lua, e na casa toda illuminada canta-se e toca-se.)

SCENA I.

ANSELMO *(com os cabellos brancos desgrenhados, e mal vestido sahindo do caramanchão e olhando para dentro da casa por algum tempo.)*

É' ella que canta, é' ella que toca ! não preciso vel-a para affirmal-o ! As muitas horas, que tenho passado diante de sua janella, tem-me dado de sobejo conhecimento de suas prendas. No entanto ella não é minha filha ! não é mais do que a filha desse ingrato . . . des e meu mortal inimigo, causa de todas as minhas desgraças. Retrato fiel de sua mãe, vera effigie de sua tia, é um remorso vivo que de contingo me flagella a alma. Como me faz lembrar daquella a quem tanto amei, a quem seduzi e a quem perdi para sempre ? ! Se ao menos eu podesse encontrar o fructo de meu criminoso amor . . . essa innocente, vinda ao mundo no meio de lagrimas e miserias, talvez que meus males abrandassem: porém nenhum indicio, meu Deus ! nem o mais pequeno signal para descobri-la . . . Ferido nessa horrivel acção tres mezes depois que roubei a minha pobre Maria da casa de seu tutor, eu consequencia da cruel opposição, que elle fazia ao nosso casamento, por mais de sessenta dias estive entre a

vida e a morte, porém resistindo a materia, meu espirito ficou leso, e por tres annos inteiros vegetei no mais completo idiotismo. Recuperando enfim a razão, o meu primeiro cuidado foi indagar da sorte daquella, a quem eu tinha leito tão desgraçada, mas todas as diligencias, todas as pesquisas foram baldadas, e só apenas sube, para ainda augmentar o meu damno, que havia dado á luz uma menina e que depois disso desaparecera da provincia, sem que della houvesse noticias. Então eu, pobre, doente e opprimido pelos gritos incessantes de minha consciencia, quiz por algum tempo lutar contra a adversidade, que me perseguia, porém minhas forças se extinguirão, meu espirito se abateu, e na embriaguez comeccei a procurar o esquecimento de meus pesares. Ora cahido pelas ruas, exposto aos motes e irrisão publica, ora esmollando de porta em porta, assim arrastava uma desprezivel e vergonhosa existencia, até que n'um dia em que os sentidos estavam menos entorpecidos que de ordinario, encontrei Eliza, cuja presença produziu em mim uma emoção inexplicavel. Julguei nella ver todos os cates que me erão caros, e que o destino me havia roubado. Para contemplal-a, approximei-me della a pretexto de pedir-lhe uma esmola, e em seu peito o que vi? Grande Deus!? N'um singelo caixilho o retrato de sua mãe. O meu primeiro impulso fôl querer logo desse feliz encontro ir dar parte a seu pai que tambem a chora, mas o meu odio a isso se oppôz. Callei-me para não dar ao meu mortal inimigo prazeres, que elle proprio me havia roubado; com tudo nem assim perdi de vista essa menina. Sigo-a por toda parte, acompanhando-a a todos os lugares; pois o coração me diz que por seu intermedio hei de descobrir aquellas, cuja perda me tornou a vida insuportavel (*olha para a porta da casa.*) Vem gente. . . Não quero que ninguem me veja (*volta para o caramanchão.*)

SCENA II.

ELIZA (*sahindo da casa triste e pensativa.*) (1)

Por mais que procure contrafazer-me, não posso estar alegre, e parece mesmo que a alegria dos outros augmenta a minha tristeza. Hoje festejão-se os annos de meu segundo pai, daquelle que compadecendo-se da minha orphandade, me recolheu e me educou com paternal affecto: deveria por tanto ser para mim este dia todo de prazer; porém, meu Deus, serei uma ingrata, porque as lagrimas a meu pezar me inundão o rosto. Ha quinze dias que nem vejo Carlos, nem ao menos me escreve. Seu amor, que com tão vivas côrtes me descrevia, seria passageiro? estará de todo extinto, ou nunca passou de um capricho? Oh! como recio que isto a onteca? Eu, mis ra, não passo de uma orphã pobre, obscura e educada por caridade, ao passo que elle hoje coronel e barão, pôde aspirar as mais brilhantes alianças! O Sr. Jeronymo, quando hontem vienes para aqui, entre outros convidades, citou o seu nome, e elle faltou, não querendo nem mesmo assistir aos annos de seu amigo! Meu Deus! o que está para me acontecer? como sou desgraçada! ou arrancai-me, Senhor, do coração esta consumidora chamada, ou tirai-me a vida para que cessem os meus lormentes (*esconde o rosto nas mãos e chora.*)

SCENA III.

A MESMA E ANSELMO.

ANSELMO (*sahindo do caramanchão.*)

Coitadinha! . . . ella chora! qual será a causa de seu pranto? Em sua idade? . . . quasi que posso advinhal-a. Seu pai foi bem cruel para comigo, porém ella não tem culpa do que elle fez. . . . Se eu lhe pudesse ser util? . . . tenho

(1) Como a parte de Eliza deve ser feita pela mesma actriz que fizer a de Leonida, d-ve ella cuidar em não confundir os dous caracteres, estabelecendo a differença nos modos, gestos e acções.

desejes de ensaiar : e uma vez que a minha presença não a assuste . . . aproximemo-nos . . . Minha boa senhora ?..

ELIZA (*sobresaltada.*)

Ah ! . . . quem é ?

ANSELMO.

Um pobre velho, que de proposito veio da cidade a esta ilha só para ter o prazer de vê-la e de contemplá-la.

ELISA (*desconfiada.*)

E qual é o motivo de tão grande interesse ? poderá saber-o ?

ANSELMO.

E' porque a sua presença me traz á lembrança um ente, que me foi bem caro, é porque me faz recordar de que se minha filha vive ainda, terá hoje sua idade e talvez suas feições !

ELIZA.

Seríamos por acaso parentes ?

ANSELMO.

Talvez.

ELIZA.

E o senhor conheceu minha familia ? conheceu meu pai ?

ANSELMO.

Talvez.

ELIZA.

Vive? oh! diga-me, vive?

ANSELMO.

Pôde ser.

ELIZA.

Senhor, por compaixão! por piedade tire-me deste estado. Diga se meu pai vive, e o que é feito delle.

ANSELMO.

E a senhora nunca o conheceu? nunca lhe soube o nome?

ELIZA.

Não, senhor, separada de seu lado quando apenas tinha quatro annos, n'uma noite fatal em que vi minha mãe expirar aos golpes de um assassino, não me posso absolutamente recordar de suas feições; e mesmo nunca lhe sube o nome: o que lhe dava seu pre- era o de pai.

ANSELMO.

E porque fórma a arrancarão de seu poder?

ELIZA.

Oh! apesar de ser ainda bem criança, conservo impressas na lembrança todas essas scenas de horror.

Minha mãe me havia accordado para seguirmos viagem. Em quanto esperavamos em um pavilhão por meu pai, que fazia preparar os animacs e carretas, tres homens hediondos saltarão por uma janella, e apoderarão-se de uma caixa, onde havião joias e dinheiro, ferirão minha pobre mãe

que pedia soccorro, e um delles, carregando-me ás costas, começaram todos a correr por um campo, onde haviam muitos soldados mortos. O susto a principio embargava-me a voz: mas depois de algum tempo puz-me a dar gritos tão sentidos, que obrigarão ao que me levava, a tapar-me a boca com um lenço. Ou fosse que meus gritos despertassem a vigilancia de um regimento de cavallaria, que por ali passava, ou fosse filho do mero acaso, o facto foi que algumas praças dirigirão-se para onde estavamos. Logo que os assassinos sentirão approximar-se tropel dos cavallos, deixando-me no meio do campo, deitarão-se a fugir por um desfiladero. Os guardas, que haviam acndido, depositarão-me em uma carreta, que conduzia feridos, e entre esses per felicidade se achava o Sr. Jeronymo, que condoendo-se do meu estado, trouxe-me para a sua companhia, mandou-me educar, e até hoje me tem prestado todos os desvellos de um verdadeiro pai. Já lhe coatei tudo quanto sabia a meu respeito, agora diga-me, o que sabe acerca de meu pai.

ANSELMO (*entregue a uma grande emoção.*)

Por ora... não posso... não devo... talvez... um dia!... tenha esperança em Deos... eu vellarei pela senhora (*retira-se correndo pelo fundo do theatro.*)

SCENA IV.

ELIZA (*só.*)

Este velho poz-me o espirito tão perplexo, que nem posso combinar suas idéas? Deu-me a entender que meu pai existia, mas não me quiz dizer, o que era feito d'elle... e não posso atinar com a razão de tal mysterio. Enfim, é sorte minha! heide sempre viver em continuadas duvidas. (*Ouve-se musica dentro.*) Vai começar a dança, não quero que dem pela minha falta. Voltemos para a sala, e finja o semblante, o que o coração não sente (*vai-se e entra pela porta.*)

SCENA V.

ESPIADOR (*vindo pelos fundos da casa : traz vestidos de baile, e condecorações no peito. Passa, examina todos os lugares, e medita. Em quanto elle falla, vê-se Anselmo no fundo sempre muito attento, sem perder nenhum de seus gestos.*)

Pelo inferno! Por mais trates que tenha dado á imaginação, não me é possível desobrir hum meio para executar o fim, que a aqui me trouxe! No entanto é forçoso que elle se execute. Eliza não pôde, nem deve existir. Enquanto não houver desaparecido de cima da terra, nenhum plano, por mais bem traçado, que seja, poderá vingar. Seu pai não a conhece, ella mesma ignora quem elle seja; por isso facil será apresentar Leonida como verdadeira filha. A semelhança, o retrato, e alguns objectos sem valor achados no pavilhão, virão em soccorro deste engano; todavia existindo a propria filha na mesma cidade e até na mesma rua, de um momento para outro tudo pôde descobrir-se, e assim ficarem perdidas todas as nossas esperanças. E' pois indispensavel, que se dê o golpe decisivo quanto antes, até mesmo porque nossa existencia nesta capital vai-se já tornando suspeita, e a policia pouco tardará em encommodar-nos. Nas sociedades e bailes já poucos são os que querem jogar commesco, e mesmo o hotel do Curuja vai sendo só frequentado por especuladores e cavalheiros de industria. Não ha pois tempo a perder. Mas com mil diabos? como hei de achar um meio, se Satanaz não vier em meu auxilio? (*olhando para a porta*). Ah! está o dono da casa, disfarçemos.

SCENA VI.

O MESMO, JERONYMO (*dando o braço a ELISA, JOSÉ ANTONIO, JOÃO JOAQUIM, PEREIRA e ALGUNS CONVIDADOS.*)

JERONYMO (*a Eliza.*)

Pois ainda não te passou essa maldita enxaqueca?

ELIZA.

O calor da sala a tem augmentado.

JERONYMO.

Nesse caso passimos um instante aqui pela praia — o fresco da noite talvez te faça bem, e depois a lua está tão bonita, que convida. Não é assim, meus senhores? (*dirigindo-se aos moços que dispersos passeião.*) A lua não está tão bonita!

TODOS (*vindo a Jeronymo.*)

Certamente, certamente.

BAPTISTA.

Faz um luar como dia.

JOSÉ ANTONIO.

Bravo! que bello motte? Oh! João Joaquim, aproveita, não deixes escapar esta occasião. Puxa pela musa, anda! não te faças de esquerdo!

JERONYMO.

Bem lembrado! Sim, sim, meu amigo, gloze esse motte. Olhe que fóra da cidade um versinho tem seu lugar.

JOÃO JOAQUIM.

Mas eu só os faço de pé quebrado.

JERONYMO.

Não importa, nestas alturas tudo é festa.

JOÃO JOAQUIM.

Emfim, para não me parecer rogado.ahi vai.

ESFOLADOR (*à parte.*)

Maldito poeta do inferno! que mil raios o partissem neste momento.

JOÃO JOAQUIM (*recitando.*)

Faz um luar como dia.

GLOZA.

P'ra festejar o natal.
Deste nobre e bom amigo,
Que dos pobres é o abrigo
E com todos sempre igual:
Um aspecto festival
Toma, o que natura cria,
Reina em todos a alegria,
Ve-se o mundo satisfeito,
Mesmo p'ra melhor effeito
Faz um luar como dia.

TODOS.

Bravo! bravissimo—brilhou.

JOÃO JOAQUIM.

Isto foi um improviso, e de certo não podia prestar ; mas tenho quem me desbanque — vou dar homem por mim. Sr. José Antonio, venha á scena, gloze tambem, que o Sr. faz muito bons versos.

JOSÉ ANTONIO.

Ora muito obrigado (*vai indo para o fundo.*)

JERONYMO (*indo buscal-o.*)

Ah ! tambem é poeta, e estava tão calado ? Nada, meu amigo, contribua com o seu contingente.

JOSÉ ANTONIO.

Deixe-o fallar, Sr. Major, está zombando de mim.

BAPTISTA.

E' certo, faz versos, e muito bons.

JERONYMO.

Ora ponha-se agora com ceremonias ! Ao seu companheiro não foi preciso rogar tanto.

JOSÉ ANTONIO.

E' porque elle é poeta, e eu só tenho feito alguns versos para gracejar.

JERONYMO.

Pois venhão esses mesmos.

JOSÉ ANTONIO.

Ah! quer assim mesmo? pois abi vai (*recitando.*)

Faz um luar como dia

Tivemos bello jantar,
A granel vinho excellente.
Cá por mim fiquei contente,
Que comi mesmo a fartar.
Agora para dançar
Temos guapa companhia.
Da musica a melodia
Veio dar-lhe novo esmalte,
Emfim p'ra que nada falte,
Faz um luar como dia.

TODOS (*dando palmas.*)

Muito bem! muito bem! Viva o poeta José Antonio!

ESFOLADOR (*à parte.*)

Que es diabos o levem!

JERONYMO (*vendo Esfolador.*)

Oh! aqui está o Sr. general Santiago (*dirijindo-se a elle.*) Tan.bem V. Ex. está gostando do fresco?

ESFOLADOR.

De certo, senhor. Costumado desde a infancia ao rigoroso clima das cordilheiras de meu paiz, ainda não posso soffrer o excessivo calor, que faz nesta terra. Demais a gente e as luzes do seu salão, como que me privavão do ar, cheguei mesmo a ter uma vertigem; todavia sahindo cá para fóra, tudo cessou, e ache-me completamente restabelecido.

JERONYMO.

Pois é o que eu estimo. Esteja a seu gesto.— Se precisar de alguma cousa, não faça cumprimentos: é pedir, e desculpe-me alguma falta, porque quando se reparte a attenção por muitos, alguém ha de ficar mal servido. Eliza tambem está algum tanto incommodada, e eu vinha ver se o ar a melhorava. Tenha a bondade, Sr. General, de fazer-lhe companhia, visto que eu não posso estar ausente da sala. Eliza, fica-te com este senhor e quando te sentires melhor, volta a dar novo brilho á companhia. Meus amigos—vamos a uma schothichiz, nada de esfriar.

OS TRES MOÇOS.

Por fórma nenhuma *(entrão com Jeronymo.)*

SCENA VII.

ELIZA E ESFOLADOR

ELIZA *(á parte.)*

Este homem me inspira uma antipathia, que não posso vencer. Sua presença produz-me um sentimento de horror inexplicavel. Não sei per que o Sr. Jeronymo me havia de deixar só com elle? Se não parecesse desfeita, retirava-me.

ESFOLADOR *(approximando-se.)*

Acha-se então incommodada, minha senhora?

ELIZA.

Uma ligeira dôr de cabeça. cousa passageira.

ESFOLADO .

Sem duvida o calor. . . . o excesso da dança. . . . A suave brisa da noite acalmará seus sofrimentos. Em verdade ha muito tempo não vejo uma noite tão bella! O céu está puro e o mar tranquillo. Olhe, repare, como a lua com seus raios prateados reflecte nas phosphorescentes aguas! Que magnifico espectáculo! como ao contemplar-o insensivelmente a alma do christão se eleva ao seu creador admirando o seu poder! Mas não sei por que causa estas noites assim tão bellas, infundem-me uma certa melancolia, que me obriga a evitar a sociedade! Se não fosse a sua amavel presença, ter-me-hia ido assentar na porta daquelle rochedo solitario, para de lá dar soltas á minha imaginação.

ELIZA.

Oh! Sr. General, eu não quero estorvar a V. Ex., e como me sinto melhor, já me retiro.

ESFOLADOR.

Por nenhuma forma consentirei em tal, e até para mostrar-lhe o grande valor, que dou á sua grata companhia, convido-a para ir-mos um instante de lá disfructar a soberba vista desta bahia.

ELIZA.

O mar nesse lugar é tão fundo, e o rochedo tão. . . . escorregadiço. . . . que. . . . temo. . . .

ESFOLADOR *(sorrindo-se).*

E o que pode ~~ta~~er indo comigo?

ELISA.

Enfim, para não parecer descortez, estou prompta a seguir—o por um instante.

ESFOLADOR.

Aqui está o meu braço (*dirigen-se para a ponta do rochedo, e Anselmo escende-se junto a elle.*)

ESFOLADOR (*subindo.*)

Sentido! . . . sentido! . . . segure-se bem a mim. (*Depois de chegar ao cume.*) Veja que magnifico panorama! Daquelle lado fica a cidade.—Acolá está a barra com o seu constante guarda, o Pão de Assucar! Mais áquem o Corcovado e toda essa cordilheira, que quasi não tem fim. Tudo é grande! tudo nos impõe um profundo respeito pelo Autor da natureza! Em cima de nossas cabeças está o brilhante firmamento, e a no sos pés o vasto oceano, esse insondavel abysmo, que jamais restitue as victimas, que engole. (*Ao dizer estas palavras examina a scena para ver se alguem o encerra, e certo do contrario, empurra a Eliza, que dando um grito, precipita-se no mar.—Depois d'isso o Esfolador desce, e tem para a scena. Anselmo subindo immediatamente sem ser percebido pelo Esfolador, tambem arroja-se ao mar.*)

ESFOLADOR (*na scena.*)

Agora poderei pedir soccorros (*indo á porta com altos gritos.*) Soccorro! soccorro! Accudão! Venhão todos.

SCENA VIII.

**O MESMO, JERONYMO, e MUITOS CONVIDADOS DE
AMBOS OS SEXOS.**

JERONYMO.

O que foi! . . . o que aconteceu?

ESFOLADOR.

Ah! Sr. major, nem sei como lhe heide dizer! não
tenho animo!

JERONYMO.

Meu Deos! o senhor me assusta! diga depressa o que é?
onde está Eliza?

ESFOLADOR (*depois de fingir isitações.*)

Lançou-se ao mar! e eu sem saber nadar!

TODOS.

Misericórdia!! que desgraça!

JERONYMO.

E em que lugar se lançou ella?

ESFOLADOR (*apontando para o lado opposto.*)

Daquelle lado

JERONYMO.

Corramos a salval-a (*todos correm para o lugar indicado.*)

ESFOLADOR (*à parte.*)

Já chegarão tarde.

Fim do 1.º acto e 2.º quadro.



ACTO II.

QUADRO III.

O theatro representa um camarim com os moveis proprios, como toucador, guarda-roupa, lavatorio, poltrona, divan, etc. No funco ha duas portas de vidraca. A da direita da scena dá para um ter-raço, a da esquerda para uma alcova, onde se ve um leito pre-parado, e um oratorio sobre uma commoda. Do lado direito duas portas de entrada. Do lado esquerdo duas outras que communi-cão como interior.

(E' NOITE.)

SCENA I.

JOSÉ DE ARTE (*só, assentado em uma poltrona junto de uma mesa, lendo em um livro à luz de um lampião de globo. Está com a perna esquerda envoltida em paunços, e estendida sobre um banco.*)

O amor paterno é um dom celeste, é uma ceatella desse fogo immortal, que nós partilhamos com os anjos, e que o Creator infundio em nossas almas para destacar os nossos pensamentos. A piedade paternal eleva ao céu o espirito do justo, o proprio céu como que desce ao coração de um pai. E' enfim um sentimento que dimana directamente da divindade para destruir todas as nossas grosseiras idéas. E' um raio do Autor da natureza, é uma aureola brilhante que nos illumina (*fecha o livro, e o põe sobre a mesa*). Com effeito! Young tem muita razão. Não ha nada, que possa ser comparado ao amor de um pai! . . . Ha quasi 22 annos, que perdi a minha querida Eliza, e até hoje nem um só dia se tem passado sem que o amargo pranto da saudade me venha banhar as faces. Tinha 7 annos quando me foi roubada! Coitadinha! O que terá sido feito d'ella? matar-a-h.50,

como a sua desventurada mãe? ou a fome, a miséria e talvez a prostituição. . . . oh! esta idéa terrível me faz gelar o sangue de horror! . . . mas. . . eu. . . não tenho sido um malvado para que Deos assim me houvesse punido. Ha momentos, em que, sem saber a razão, chego a convencer-me de que ella vive, e então nem uma só menina de sua idade passa junto a mim, sem que eu a examine, sem que mesmo a acompanhe, dizendo amigo: — Quem sabe se esta será a minha filha? A esperança de que ella será um dia restituída aos meus carinhos paternos tem chegado a tal ponto, que em todas as casas em que nesta capital tenho residido, mando preparar um aposento para ella, onde passo uma hora antes de recolher-me. Assim ao menos illudo a minha imaginação, finjo que a contemplo, que lhe fallo, que a ouço, e de esperança em esperança descerei ao tumulo sem que a tenha apertado em meus braços *(deixa a cabeça sobre o peito e chora. Ouvem-se tres pancadas na porta da rua)*. Julgo que baterão no portão! . . . Rodrigo ha muito que já está recolhido! Quem poderá a taes horas vir perturbar o socego desta chacara?

SCENA II.

O MESMO, E CHRISTOVÃO *(à porta da direita.)*

CHRISTOVÃO.

Ahi em baixo está um velho, que me parece alienado, em companhia de uma mocinha. Insto para fallar immediatamente ao dono da casa. Não quiz dizer como se chamava; mas assegura que meu amo o conhece.

JOSÉ DUARTE.

Em companhia de uma mocinha, dizes tu! Eu mesmo corro a encentral-o, *(vai leccantar-se da um grito, e cede)*

outra vez sobre a caleira.) A minha infernal gota não o permite *(ao creado)*, mas vai tu. . . . corre, manda-o já entrar para aqui, e chama tambem meu filho *(o creado vai-se.)*

SCENA III.

JOSÉ DUARTE *(só.)*

Oh! meu Deus! se me trouxesse minha filha? Que prazer! que dita não seria a minha? O coração bate com tal violencia que parece querer saltar-me pela boca! Todos os meus membros tremem como varas verdes! e uma decepção, um desengano me mattaria agora. . . . Sinto passos. . . . vejamos.

SCENA IV.

O MESMO E ANSELMO.

ANSELMO *(entrando e cruzando os braços.)*

Conheces-me?

JOSÉ DUARTE.

Esta voz!. . . . esta physionomia?

ANSELMO.

Desesseis annos me tem mudado muito, não é assim? Já não sou aquelle caixeiro activo, aquelle moço incansavel, que se matava no trabalho para augmentar a fortuna de tua casa.

JOSÉ DUARTE.

Anselmo aqui?! E o que pertendes de mim?

ANSELMO.

Vingar-me de todos os males, que me has causado.

JOSÉ DUARTE.

Vingar-te? Oh! o inferno tem tomado a si esse empenho! O remorso e o arrependimento não se apartão do meu leito! E ainda queres vingar-te?

ANSELMO.

Pela tua ambição, para não entregares a herança de tua cunhada e pupilla, me expulsaste de tua casa e te oppozeste a que ella se desposisse comigo. Esta tua injusta recusa levou a infeliz a desesperação de fugir em minha companhia, e quando procuravamos sanctificar nessa união, as exigencias da guerra nos separarão sem que jámais eu pudesse encontrar a minha terna companheira, nem a innocente gerada em suas entranhas! De todas estas calamidades, repito, tu foste a causa, e por isso quero vingar-me, sim, quero vingar-me; porém de uma maneira nobre e digna de mim, restituindo-te a filha por quem tanto choras (*fallando para a porta*). Vem, Eliza, vem para junto de teu pai! Ali está elle, lança-te em seus braços.

SCENA V.

OS MESMOS e ELIZA (*apparecendo, e correndo para José Duarte.*)

ELIZA.

Meu pai!!! (*abraça-o e cabe de joelhos com a cabeça encostada no peito de José Duarte.*)

JOSÉ DUARTE (*levanta-se na cadeira para abraçá-la e cahindo outra vez.*)

Minha filha! minha cara filha! (*conservao-se abraçados algum tempo confundindo as lagrimas de prazer, e Anselmo retira-se precipitado em occasião em que entra Rodrigo.*)

SCENA VI.

OS MESMOS E RODRIGO.

RODRIGO (*seguindo Anselmo com a vista.*)

Este velho ia correndo a soluçar, o que aconteceria? *(vê Eliza abraçada com o pai)*. Mas que é isto? quem será esta moça, que assim abraça meu pai? oh! se ella fosse?...

JOSÉ DUARTE.

Não tenhas duvida, que é ella... é tua irmã. Além do coração m'ó allirmar, suas feições não o desmentem (*levantando pelo queiro o semblante de Eliza e mostrando-lhe o rosto a Rodrigo*). Olha... repara... é o semblante de sua mãe. Ao contemplá-la julgo ter diante de mim a minha infeliz Leonor (*com força*), Rodrigo... vem abraçá-la!... abraça tua irmã.

RODRIGO (*corre a Eliza, que se levanta e vai a elle.*)

Quanto bem digo o céo por te haver restituído aos nossos affectos; mas que é isto? tu tremes? Estás fria de gelo?! Assenta-te... assenta-te, que vais desfallecer (*faz com que se assente, dando-lhe uma cadeira.*)

JOSÉ DUARTE (*muito afficto.*)

Que soffres, Eliza? que tens minha filha? oh! céo! essa pallidez?... Rodrigo, chama cá fóra Gertrudes... e man-

da já procurar o medico mais vizinho. . . . corre aviate. . . . (*pondo as mãos*) Meu Deos! no momento de me restituirdes minha filha, não m'a roubeis, Senhor!

ELIZA.

Não se assuste, meu pai. . . . não se assuste, que não é nada. . . . A emoção. . . . o prazer, e sem duvida o canção! . . . Oh! se soubessem como eu hentem luctei com a a morte? . . . Se não fosse este bom velho (*procura Anselmo com os olhos.*)

JOSÉ DUARTE.

Anselmo! . . . que é d'elle! não o vejo!

RODRIGO.

Retirou-se correndo quando eu chegava, e a maneira por que ia soluçando, indicava grandes soffrimentos d'alma.

JOSÉ DUARTE (*á parte.*)

Esquivou-se ao meu reconhecimento? Oh! heide para com elle reparar as minhas faltas (*alto*) porém minha filha. . . . dizias então, que hentem luctaste com a morte?

ELIZA (*fazendo um esforço.*)

Sim, meu pai. . . . um malvado! esta lembrança ainda me enche de horror! . . .

RODRIGO (*interrompendo-a.*)

Perdoe-me, senhor; esta menina. . . . está tão fatigada! . . . parece soffrer tanto! . . . que eu achava mais prudente deixal-a descansar. Amanhã, ou em outro qualquer dia. . . . nos contaria a historia de seus males.

JOSÉ DUARTE.

Tens razão, meu filho, tens razão. O prazer de ouvi-la me fazia esquecer da necessidade, que ella tem de descanso, tornava-me egoista, e este sentimento é tão proprio na velhice ! Por hoje, minha filha, basta; vai repousar, e amanhã continuaremos as nossas confidecias. Este aqui será o teu tocador, aquelle o teu quarto de dormir *(aponta para a alcova do fundo)*; tua cama já está preparada, nada lhe falta. Oh ! eu esperava que o céu a todo o momento te restituiria aos meus alagos ! *(a Rodrigo)*: Rodrigo, chama Christovão para conduzir-me ao meu aposento, e Gertrudes que venha para servir tua irmã *(Rodrigo sahe)*. Eu fico muito perto de ti, Eliza, se precisares de mim para alguma cousa, toca a campainha, não recies encommostrar-me *(entra Rodrigo, Gertrudes e Christovão; a Gertrudes)*: Gertrudes, de hoje em diante serás criada exclusiva de minha filha, começa desde já a servir-a *(a Eliza)*; vamos, Eliza, mais um abraço, e o céu te dê o somno tranquillo dos anjos.

ELIZA *(abraçando-o e beijando-lhe a mão.)*

Boa noite, meu pai !

RODRIGO *(apertando-lhe a mão.)*

Até amanhã, minha irmã *(vai-se.)*

ELIZA.

Até amanhã.

(Rodrigo e Christovão empurram a poltrona de José Duarte para a porta da esquerda e assim se vão.)

SCENA VII.

GERTRUDES E ELIZA.

GERTRUDES.

Minha senhora, aqui estou ás suas ordens, quando quiser começar a despir-se, não tem mais do que mandar-me!

ELIZA.

Estou pouco costumada ás grandezas do mundo, e por isso, no que posso, deixo de encommodar os outros: eu mesmo me despirei, o que desejo por agora é que ponha luz no quarto, e que feche estas portas.

GERTRUDES.

Já vou obedecer-lhe (*à parte*). Esta nada tem de soberba, portanto espero viver com ella excellentemente. Se fosse como algumas, que eu conheço, nem por um instante a quercia aturar (*vai fechar as portas e acende uma lamparina, apaga o candieiro e leva a lamparina para o quarto, depois volta a Eliza, que em todo esse tempo tem estado com a cabeça baixa e pensativa*). Tudo está fechado, minha senhora, se nada mais me ordena, posso retirar-me. O meu quarto é do outro lado do terraço. Ao toque da campainha acudirei promptamente (*Eliza faz-lhe signal que vá*). Boa noite, minha senhora (*vai-se pela direita*.)

SCENA VIII.

ELIZA (*só levantando-se.*)

Encontrei em fim meu pai, prazer que não esperava gozar! achei um irmão, a quem começo a estimar, portanto já

não estou abandonada no mundo. Tenho uma família, um nome, uma posição, e nada mais me falta para ser feliz; mas porque a meu pezar um espinho de tristeza se me crava no coração? oh! Carlos! tu és a innocente causa! sem teu amor, como que se turva o jubilo de minha alma, e com elle eu seria a mais ditosa das creaturas (*rai para o quarto tirando o roupão, o chapéo e mantelete com que está, depois ajoelha-se por um instante no oratorio, benze-se e levantando-se, diz*): Vamos ver se o somno me faz recuperar as perdidas forças (*deita-se na cama e corre as cortinas.*)

(*Logo que ella rai para o quarto atravez da porta de vidros que deita para o terraço, vê-se tres vultos espiondo para a scena. Apenas Eliza deita-se, Curuja, Esolador e Boticario, abrem subtilmente a porta e entrão na scena.*)

SCENA IX.

CURUJA, EESOLADOR E BÓTICARIO (*depois de examinarem a scena*).

CURUJA (*em meia voz.*)

Com satanaz ! o negocio por um triz que dava em droga ! O maldito velho, que salvou a rapariga, ia nos roubando a nossa fortuna! Felizmente o acaso fez com que eu tudo descobrisse e mesmo soubesse, que a sua intenção malvada era entregar a filha ao pai. Ainda houve tempo de remediar a asneira.

BOTICARIO.

E Leonida estará bem certa do papel, que deve representar ?

CURUJA.

Certíssima. Não tenho feito outra cousa senão instruil-a. Traz tudo na ponta da lingua.

ESFOLADOR.

Sem esquecer mesmo o episodio de hontem? que a quizerão afogar . . . lançando-a ao mar? etc.

CORUJA.

Sem esquecer cousa alguma.

BOTICARIO.

Nesse caso mãos á obra. Esfolador, a ti cumpre manejar a acção. Ella dorme naquelle quarto (*aponta.*)

ESFOLADOR.

Ora digão-me. Não seria bom vermos primeiro, se ha por aqui alguma cousa, que nos possa servir?

CORUJA.

Actualmente seria uma imprudencia — temos muito tempo depois. — Avia-te e quanto antes (*Esfolador tira do seio um punhal e vai para o quarto, chega ao leito, levanta a cortina e faz Eliza erguer-se. Esta acordando assustada reconhece Esfolador, quer gritar, este tapa-lhe a boca e ergue o punhal, Eliza desmaia e elle carregando com ella ás costas sahe com Curuja pelo terraço.*)

BOTICARIO (*só um instante.*)

A maior difficuldade está vencida, o que resta é que Leonida não commetta alguma imprudencia, que estrague o negocio.

SCENA X.

O MESMO, CORUJA E LEONIDA.

Leonida traz um chapéo, um roupão branco e um mantellete, pouco mais ou menos como troure Eliza, e como as duas partes devem ser representadas pela mesma actriz, não deve haver demora no desaparecimento desta, e a vinda daquelle, para a illusão ser mais perfeita.

CORUJA (*a Leonida que a tem pela mão*).

Aqui está o seu quarto. Coragem, presença de espirito, que a sua fortuna está feita !

LEONIDA (*que olha para tudo*.)

Quanta cousa bonita ! que riqueza de trastes ? e tudo isto é para mim ? é este o meu quarto ?

CORUJA (*pondo o dedo na boca*.)

Sim ! falle baixo que poderíamos ser ouvidos. Tudo é seu. tudo é para a senhora, seja prudente e discreta, e verá que riquezas ha de gozar. Já está installada em seus dominios. Agora adeus ! (*vai-se com o Boticario pelo terraco*.)

SCENA XI.

LEONIDA (*depois de pensar algum tempo*.)

Ora o coração me diz, que não é bom, o que estou fazendo. Enganar um velho dizendo, que sou sua filha, quando o não sou, é pelo menos roubar-lhe os afagos, que me não pertencem, mas elles disserão-me, que era para salvar-lhe a

razão, que começava a perigar : que este meu papel era por enquanto, e que depois a verdade se descobriria. Sendo assim o mal não será tão grande, e depois qual a moça, que em minhas circumstancias rejeitaria a um tempo um pai, uma fortuna, e um esposo ? Nenhuma, nenhuma, e então não quero ser eu a que dê um pontapé na felicidade, antes devo aceitar-a tal qual vem (*dirige-se para o quarto.*)

Fim do 3.º quadro.



QUADRO IV.

O theatro representa uma sala immunda. Uma porta de entrada á direita da scena. No fundo a porta que dá para uma alcova, onde se devisa um velho catre. A' esquerda uma porta, que dá para a cosinilla. No meio da scena ha uma mesa de pinho sem toalha, onde está a ceia, que consiste em carne assada, farinha, laranjas e uma garrafa com aguardente. A mesa está esclarecida por uma vella ordinaria em um castiçal de latão. Ao lado direito da scena ha uma marquesa de pão branco com uma esteira de taboa e um travesseiros em frolha.

SCENA I.

ESFOLADOR, DOMINGAS E ELIZA.

(Eliza está assentada na marquesa apoiando o cotovelo esquerdo na cabeceira da mesma marquesa, e com o semblante enfastado na mão triste e pensativa. Esfolador e Domingas estão ceando cada um do seu lado da meza assentados em cadeiras de pino.)

DOMINGAS *(a Eliza.)*

Então pequena, não queres ceiar? olha que para quem não quer ha muito. Anda, vem sempre comer alguma coisa, que pela maneira por que vais, dás em breve cabo do canastro. Ha seguramente um mez, que para aqui viesse, e durante todo esse tempo, quasi que tem sido o teu sustento lagrimas e ar. Assim não vais bem. . . Não sejas tola. Embora a gente tenha lá as suas mortificações, deve chorar e comer, uma coisa não impede a outra. Faze o que eu faço, que ficarás gorda n'um instante.

ELISA *(levantando-se e vindo para o lado de Domingas.)*

Obrigada, senhora, não tenho vontade.

DOMINGAS.

Sempre a mesma resposta? não tenho vontade! pois é fazer por tel-a. O comer e cossar, o ponto está em principiar. Vais emagrecendo a olhos vistos, e depois não quero que digão, que eu te matei á fome.

ESFOLADOR.

Deixa-a lá. Não quer comer, não coma. Felizmente não é porque não haja de subejo.

DOMINGAS

Oh! quanto a isso. Deos seja louvado! Para o prato e para a pinga trabalha como moura a Sra. Domingas.

ESFOLADOR (*levanta-se e vem para a scena.*)

(*A' parte.*) O velho foi denunciar-me á policia por ter querido afogar a Eliza, e a policia andando em diligencia de prender-me, obrigou-me a fugir da noite para o dia, e aqui estou escandido sem recursos, e na ultima miseria. Felizmente encontrei esta harpia, a quem a trôco de alguns afagos e historias, que lhe conto, dá-me o mesquinho sustento: mas eu já não posso suportar esta vida, e é indispensavel sahir deste estado. Caruja trata de apressar o casamento de Leonida com o Boticario, o que feito e recebido o dote, poderei então fugir para qualquer paiz estrangeiro; porém isso ainda depende de eventualidades; e se ellas talharem?... se eu for descoberto? meus crimes são grandes... a correição... a forca talvez... oh! esta lembrança me faz tremer e possuir-me de tal furor, que, se pudesse, esmagaria em minhas mãos o genero humano.

DOMINGAS (*levantando-se e aproximando-se.*)

Que é isto, meu velho? *(põe-lhe a mão no hombro)* a modo que estás hoje; macambuzio? Ceaste pouco, e nem ao menos quizeste fazer-me a razão? Acaso estarás doente? Toma sentido! não me vás por ali cahir com alguma manecôa, que nos metta em trabalhos.

ESFOLADOR.

Não tenho nada; talvez principio de defluxo procedido da chuva, que apanhei esta manhã.

DOMINGAS.

Pois bebe um trago da milagrosa; para defluxo é santa cousa: eu te vou buscar uma gotinha. (*Vai á mesa e deita um copo de aguardente, e volta com elle dando-o ao Esfolador.*) Enchuga este copinho, e verás como ficas melhor.

ESFOLADOR (*pega no copo e vira.*)

DOMINGAS (*indo pôr o copo na mesa.*)

Que tal? heim?

ESFOLADOR.

Não é má!

DOMINGAS.

É excellente, legitima de Paraty, eu mesma a comprei quando a semana passada fui á cidade levar a roupa aos freguezes. Agora o que deves fazer, é metter-te na cama a ver se súas.

ESFOLADOR.

Sim, eu já me recolho, vai indo, que eu te sigo.

DOMINGAS.

Pois não te demores, que os olhos já se me estão fechando *volta-se vendo Eliza*. Então, que fazes ahí minha sensinha? não queres dormir hoje? Vamos; abale com os cachimbos.

ELIZA *(levantando-se.)*

Estou à espera que o senhor entre para o quarto para poder deitar-me.

DOMINGAS.

Ora veja lá que elle não lhe coma algum pedaço, que não se vá elle agradar de uma semelhante saracura. Puche, puche com a trouxa, que quero levar d'aqui a luz.

ELIZA *(dirigindo-se á marquiza.)*

(A parte.) Oh! meu Deus, compadecei-vos de mim! *(chega á marquiza, assenta-se e junta as mãos em posição de quem está resando.)*

DOMINGAS *(a Esfolador.)*

E tu, Jorge, não vens?

ESFOLADOR.

Um instante, já vou.

DOMINGAS.

Pois fica-te com a breca *pega na vela e dirige-se ao fardo onde tem alicia, serra as portas de maneira a deixar alguma claridade.*)

ESTOLADOR *passando.*)

O Morego ou o Boticario já me deverião ter vindo avisar do que se ha passado. Ha cinco dias que os não vejo, e por isso, apesar de todo o risco, fui procural-os hoje, e infelizmente não pude encontrar-os. Por ventura se terao esquecido de mim! ou pretenderão trahir-me? Qualquer delles é bem capaz de semelhante infancia. Mas seria uma coisa nunca vista, seria a maior das ingratições, se se portassem traiçoeiramente comigo. Eu tenho sido sempre o instrumento de suas execuções. Quando tem sido preciso ferir, com o meu braço é que elles tem-se achado, e então, para serem reconhecidas, deverião ter para comigo as attentões de irmãos; todavia assim não tem acontecido. Aqui me acio escondido, sem diaheiro, e ainda em cima com aquella carga ás costas *apontando para Eliza*, que não sei o que hei de de fazer della! Estou impaciente para fallar ao Coruja. Deixei-lhe um bilhete para que hoje sem falta me procurasse. . . senão vier já sei que tudo entre nós está acabado, e então amanhã verá elle que a minha vingança será espantosa *applicando o ouvido*. Parece-me que ouço pisadas ao redor da casa! E' bom examinar, se alguém me espreita. No meu estado devo desconfiar de tudo *pegana fava de ponta, que está sobre a mesa, e sobe pela porta da esquerda.*)

SCENA II.

ELIZA (*só, vindo para a scena.*)

Meu Deus! Já anoiteceu ha tanto tempo, e por ora nenhuma acontecimento? ninguém apparece para salvar-me? A minha carta não seria entregue? ou surprenderião a portadora? Esta manhã quando este malvado ausentou-se, estando a sua companheira occupada, eu pude sem ser vista escrever, a lapis, um bilhete a meu tio, onde em poucas palavras lhe pedi que viesse socorrer-me. Confiei-o á preta que costuma comprar o necessario para a casa, que só prometteu-me entregal-o, quando lhe dei os meus brincos, que era tudo quanto de valor comigo possuia. . . . porém meu tio que até esta hora não appareceu, é porque sem duvida a preta não o procurou, e o meu unico recurso é morrer mil vezes antes que continuar neste inferno! Oh! ninguém, ninguém pôde fazer uma idéa do quanto hei soffrido! Já não fallo do trabalho, a que me sugêita esta furia, obrigando-me a lavar todos os dias grande quantidade de roupa, ao que eu de certo não estava acostumado. Não me queixo mesmo de me haver por vezes espaecado, quando se acha espiritualisada, porque fóra de seu juizo só me causa compaixão; porém que scenas! que revoltantes scenas se tem passado diante de meus olhos? Tudo quanto pôde offender o decoro e o pudor de uma mulher honesta, tem sido posto em pratica por estas duas infames creaturas só para me aviltarem, só para me fazerem morrer de vergonha, e o céo sem compadecer-se de mim? Meu pobre pai, que tão contente ficou por me ver em seus braços, que desgostos não terá soffrido com a minha ausencia? que juizo mesmo não terá feito do meu desaparecimento? Rodrigo que tanto promettia estimar-me, o que pensará de mim? . . . e Carlos? . . . Carlos? julgará que lhe fui infiel! Oh! meu Deus! todas estas lembranças levão á desesperação a minha alma, e se me falhar, Senhor, o unico socorro que espero, perdoai-me desde já, porque mais não supportarei a vida.

e. . . attentarei contra meus óias! *(vai assentar-se na
marqueza.*

SCENA III.

A MESMA E ESFOLADOR *(roltando.)*

Foi engano : não ha nem signal de vivente ! *(Assenta-se
em uma das cadeiras que estão junto à mesa, e pucha por
um cigarro.)* Eliza ! *(chamando-a dá cá ali dentro a vela
que quero accender este cigarro. (Eliza traz-lhe a vela, e
depois quer voltar para a marquiza.)* Espera, assenta-te
ali. . . que tenho que te falar.

ELIZA.

A estas horas, senhor ! e sem ser em presença da dona
da casa, não devo, nem posso ouvir-o. Ou deixe que o
acorde, ou então reserve para amanhã o que tem a dizer-me.

ESFOLADOR *(sorrindo-se.)*

Acordal-a ? nem com quanto limão ha por essas chacaras.
Não viste quanto bebeu ? tem somno de morte por oito
horas pelo menos.

ELIZA *(à parte.)*

Desgraçada de mim !

ESFOLADOR.

O que tenho a dizer-te, Eliza, tambem não será longo .
escuta, que é em beneficio teu. A tua sorte está por uma
fatalidade inexplicavel unida á minha. Fui o matador de
tua mãe *(Eliza recua e cobre os olhos com as mãos), e
arranqui-te do poder de teu pai, contando com a grande*

recompensa que elle me daria pela tua entrega. Nessa occasião o acaso veio roubar-te de minha companhia, mas nunca te perdendo da lembrança, vim encontrar-te nesta capital. As circumstancias aqui tendo variado, fei-me necessario a tua morte, e confesso com franquesa, quiz matar-te arrojando-te ao mar. Ainda o acaso ou o inferno veio em teu auxilio, e foste salva. Quando julgavas que terias de viver tranquilla em companhia de teu pai, raptei-te de seu lado, e desde então tenho sido o teu vigilante carcereiro. Fica já sabendo que tua existencia é um invencivel obstaculo a todos os meus planos, e que ella me pertence como a Satanaz a alma do condemnado. No entanto, quero que vivas, e mais nunca um só pensamento de morte me virá á cabeça a teu respeito, o que em troca de tudo isto quero, é o teu affecto.

ELIZA (*esparverada.*)

Ah! *foge para o outro lado da scena.*

ESFOLADOR.

Sim, Eliza, eu que me julguei sempre ariana de toda e qualquer paixão, eu que tratava com despreso isso a que chamão amor, ei pois que vivo contigo, deops que de perto contemplo os teus encantos, já não sou o mesmo homem; troquei o coração de tigre pelo de ovelha, e um gesto teu seria capaz de obrigar-me a tentar impossiveis. Vem, Eliza, vem para meu lado, sejamos bons amigos, e o teu futuro se mudará (*procura abraçal-a.*)

ELIZA (*cahindo de joelhos.*)

Piedade, senhor, tenha compaixão de mim! Se é a minha vida o que deseja, eu lh'a entrego de bom grado, e mesmo o bemdirei no meu suspiro derradeiro, mas consinta que eu desça ao tumulo pura e sem mancha, nem meloque, que o seu contacto é peor do que a morte.

ESFOLADOR.

Lenge de mim o pensamento de querer macular tua innocencia, o que eu pretendo, Eliza, é dar-te a mão de esposo.

ELIZA *(levantando-se com horror.)*

A mim, senhor? meu esposo o assassino de minha mãe!!! Meu Deus, meu Deus! para que me fazer viver tanto para supportar estes ultrajes?

ESFOLADOR.

Recusas então?...

ELIZA *(com desisao.)*

Prefiro morrer.

ESFOLADOR.

E não sabes que o que ora me recusas, possa obtel-o pela violencia?

ELIZA *(exaltada.)*

Depois de meu corpo reduzido a cadaver póde ser pasto dos vermes immundos.

ESFOLADOR *(agarrando-a por um braço e subjugando-a.)*

Desgraçada! que disseste? Has de ser minha, porque assim o quero. Não penses, que como esses pobres idiotas, eu sinto por ti o amor de que ha pouco te fallei; para mim és até um ente aborrecido, mas o destino me persegue, a sorte me é adversa, e eu quero vingiar-me da sorte e do destino, sacrificando tua innocencia. Segue-me.

ELIZA (*de vastos.*)

Quem me acode? soccorro!

ESFOLADOR (*tapando-lhe a boca.*)

Cala-te, senão morres!

ELIZA (*fazendo esforços e gritando.*)

Piedade! compaixão! (*neste momento balem fortemente tres pancadas na porta.*)

ESFOLADOR (*largando-a.*)

Ainda desta vez o diabo veio proteger-te (*indo à porta.*)
Quem está ahí? (*Elisa foge para um canto.*)

CORUJA (*fôra.*)

Sou eu, abre (*Esfolador abrindo.*)

SCENA IV.

OS MESMOS, CORUJA E o BOTICARIO.

CORUJA (*entrando.*)

Felizmente que te achámos acordado. Meu amigo, não ha um momento a perder. Leonida profundamente apaixonado pelo filho de José Duarte, que a julgava sua irmã, tudo lhe descobriu. Este guardou segredo; porém o velho Anselmo, que não sei por que artes, de tudo sabe, e quasi que tudo advinha, foi ter com o chefe de policia, e este depois de varejar as nossas casas, para aqui se dirige com uma forte escolta, e apenas nos adiantámos della um quarto de hora. Fugamos immediatamente.

ESFOLADOR.

E que faremos de Eliza ?

CORUJA.

Que morra para haver de menos uma testemunha.

BOTICARIO e ESFOLADOR.

Sim, morra ! *(Esfolador tira um punhal e vai para onde está Eliza, que desmaia e cahe, a isto cure-se tropeis de cavallo e bate m violentamente à porta da esquerda.)*

BOTICARIO.

E' a policia, saffemo-nos !

CORUJA.

Salve-se quem poder. *(Esfolador apaga a luz e correm todos pela porta da cosinha, continuo a bater na porta.)*

Fim do 4.º quadro e 2.º acto.



ACTO III.

SCENARIO 7.

O theatro representa um jardim. Ao lado esquerdo da scena é o fim de um terraco saliente que communica com a casa de José Duarte, bancos de pedra em diversos logares do jardim,

(É NOITE.)

SCENA I.

Leonida só assentada em um banco de pedra, junto ao paredão que sustenta o terraco com frente para o espectador. Mostra estar muito impaciente. A final levanta-se, percorre o jardim e vem para a scená.)

Não ha nada mais infadonho do que esperar, quando já está passada a hora prometida. Rodrigo pediu-me que ás 9 horas viesse a este jardim, porque tinha ecusas importantissimas a communicar-me, no entanto já derão as 9, e elle não apparece! Sem duvida já não me ama, pois se me consagrasse amor igual, ao que lhe consagro, não haverião obstaculos, que não vencesse para vir ter comigo. Se não fosse o interesse, que tenho de concertar com elle a minha sahida desta casa, mais não esperaria, para ensinar-lhe deste modo a ser pontual, sabendo aliás quanto soffro em sua ausencia, mas é indispensavel que lhe falle, visto não ser possível prolongar por mais tempo a minha moradia nestes amenos sitios. Apesar de que elle, quando eu lhe confessei quem era, para que pudesse livremente amar-me, guardou o meu segredo e nada disse a seu pai, deixando continuar em seu engano, a carta anonyma, que tudo denunciava, veio introduzir a suspeita na alma do pobre velho, e amanhã, a visita do major Jeronymo e do barão da Lagóa virá de todo patentear o embuste. Cada minuto, que aqui

me demore, e um novo perigo que se me abre de baixo dos pés, e a cada instante posso ser desmascarada. Como ficaria eu diante d'esse virtuoso ancião, que com tanto jubilo me tem dado o doce nome de filha? que me tem amado tão extremamente, como se na realidade fosse elle meu pai? Oh! eu morreria de vergonha, e elle talvez de desgosto. Porém, meu Deus, tenho só pensado em sair, e não no lugar para onde devo ir. Minha mãe de certo, e com toda a razão, seguindo as apparencias, me julga criminosa, e póde ser que não me queira mais em sua companhia; porém... confessando-lhe a toda a verdade... rogando-lhe com as lagrimas nos olhos?... oh! não ha mãe alguma, que resista ao pranto de uma filha, que não se condôa de suas desgraças. Logo que minha mãe fallado a Rodrigo elle mesmo me conduzirá ao hotel de D. Benjamin.

SCENA II.

A MESMA E RODRIGO.

RODRIGO (*entrando apressado.*)

Leonida!

LEONIDA.

Julguei que não vinhas mais, que me havias esquecido.

RODRIGO.

Esquecer-te eu? Bem sabes quanto te adoro para que possa esquecer-te. Demorei-me mais do que pretendia, porque estive em busca de um asylo seguro para onde fosses. Graças que encontrei um que muito te convém. E' a casa de uma seahora viuva onde estarás com todas as commodidades.

LEONIDA.

Muito te agradeço, Rodrigo, quanto por mim tens feito; mas não posso aceitar a tua offerta; estou decidida a voltar para a companhia de minha mãe.

RODRIGO.

De tua mãe?! não sabes, que ella te julga criminosa, e que por isso talvez nem te queira ver?

LEONIDA (*sorrindo-se.*)

Oh! ella sempre é mãe. Depois dir-lhe-hei toda a verdade. Com a franqueza e segurança da innocencia hei de convencer-a de que sua filha está pura.

RODRIGO.

E não reflectes que com ella as nossas entrevistas não-se inipssíveis? e que eu deixando de ver-te, a vida me será insupportavel?

LEONIDA.

E porque deixarás de ver-me? Não és tu meu noivo? não tens de ser em breve meu esposo? Minha mãe estimará muito o marido de sua filha.

RODRIGO (*embaraçado.*)

Porém, Leonida. . . .

LEONIDA.

Não ha aqui observações a fazer, e nem sei mesmo como interpretar essa tua ezitação! Pretenderás acaso illudir-

me? Não serão licitos os teus fins? pois se assim é, Rodrigo, desengana-te, que nem um affecto meu obterás se não que seja autorisado pela moral e pela religião.

RODRIGO.

E quem te diz o contrario, Leonida? essa tua imaginação niamente romanesca anda sempre viajando pelo mundo das desconfianças. Queres voltar para tua mãe? não me opporei; mas depois não te arrependas.

LEONIDA.

Deixa estar que não me hei de arrepender. Agora mesmo, Rodrigo, quero sair desta casa. Sabes que não posso por mais tempo aqui demorar-me. E como d'aqui a cidade e longe, e eu ignoro as ruas, é preciso que me acompanhes.

RODRIGO.

Essa era a minha tenção, e todas as providencias necessarias para a tua retirada já estão dadas. Dentro de um instante um carro estará no portão do fundo da chacara. Eu comprehendi tambem que a tua presença aqui d'ora em diante seria perigosa, visto que Jeronymo e o Barão não te reconhecendo pela propria Eliza, declararão a meu pai, e elle te faria expellir como uma embusteira. Assim vai preparar-te, que eu entrando em casa, vou pôr-me de observação.

LEONIDA.

Pouco tempo gastarei em meus arranjos; em breve me terás de volta *(ambos entram pela porta da direita.)*

SCENA III.

COREJA (*entrando pela direita com muitas caixellas.*)

Um carro no portão do fundo ! isto é grande novidade ! Temos projectos de evasão, e é preciso embarral-os. Leonida perdida de amores pelo tal Rodrigo, não só tudo lhe confessou, como mesmo horrivelmente nos comprometterá com a policia que até agora não tem podido obter provas contra nós, além dos depoimentos desse velho, que por muitos é tido por desassissado. E' pois de vital interesse que Leonida cáia em nosso poder, do contrario a despeito de todos os nossos disfarces, ficaremos perdidos. Fallhou-nos este casamento por causa de seus malditos namoricos ; mas como ainda a policia não nos deitou os ganhos. . . . temos recursos, e tiraremos partido dessa paixão de Rodrigo (*vai-se luz no quarto de Leonida*). Leonida está em seu quarto, vamos chamar nossos companheiros (*vai-se pela direita.*)

SCENA IV.

LEONIDA (*sobre o terraço.*)

No momento de deixar estes lugares, onde pela primeira vez na vida senti palpitar o coração, uma tristeza mortal de mim se apossa e as forças me abandonao. Rodrigo ser-me-ha fiel ? cumprirá suas promessas ? ah ! que se elle me enganar, não poderei resistir a tão funesto golpe. Depois que o conheci, completa revolução se operou em todo o meu ser ! eu que só ambicionava o luxo e os prazeres, hoje daria o meu sangue em troca de seus carinhos, por que o amo, amo-o com delirio, com todas as forças da minha alma (*encosta-se na balaustrada do terraço e fica pensativa.*)

SCENA V.

A MESMA, CORUJA, ESFOLADOR, E BOTICARIO.

Os tres vem com muita cautella pelo jardim. Coruja aponta para o terraco, e Esfolador volta aq'ultimo bastidor, da direita cõduz uma escada de mão, encosta-a ao terraco e sobem por ella Esfolador e Coruja, ficando em baixo Boticario de sentiella segurando na escada.

LEONIDA.

A meo que senti bulha! E' sem duvida Rodrigo. Sabe d'onde está e vai dirijido-se para o quarto, mas Esfolador e Coruja tomão-lhe a dianteira.

LEONIDA *(reclinando-se e recuando).*

Ah!

CORUJA.

Silencio!

LEONIDA

Que me querem?

ESFOLADOR.

Primeiro as tuas joias.

CORUJA.

Depois, que nos sigas.

LEONIDA.

Levem embora as joias, porém deixem-me.

CORUJA.

Precisamos de ambas as cousas, e isto já. Esfoiador, vai ao quarto, agazalha o que achares de melhor, que eu vou fazer com que ella desça. Vamos, menina.

LEONIDA (*á parte.*)

Se eu gritasse? . . . e Rodrigo que não apparece?

CORUJA.

Anda (*agarrando-a e puchando-a.*)

LEONIDA (*cahindo de joelhos.*)

Meu Deus; soccorro!

CORUJA (*puchando um medal e encostando-o no peito.*)

Olha que se pias, morres.

ESFOLADOR (*rindo de dentro do quarto.*)

Aqui está o que achei de melhor (*mostrando uma trouxa.*)

CORUJA.

Pois ajuda-me agora a descer esta franguinha (*vão para o lado da escuda, descem os tres, e sequeem todos quatro pelo fundo do theatro, á esquerda do expectador.*)

SCENA VI.

RODRIGO) *(procurando-a no jardim.)*

Leonida! Leonida! vamos, o carro nos espera; mas onde se metteria ella? *(procurando-a, dá com a escada.)*
Uma escada! oh! a perfida fugiu com outro amante. *(Tapa o semblante com as mãos e cahe sobre um banco de pedra.)*

SCENA VII.

O MESMO, JOSÉ DUARTE, GERTRUDES E CHRISTOVÃO *(com luzes.)*

JOSÉ DUARTE *(muito afflicto.)*

Desappareceu! não a vejo aqui!

GERTRUDES.

Levou todas as jóias!

JOSÉ DUARTE.

Oh! meu Deus! que vibora agasalhei em meu peito
cahe sem forças nos braços de Christovão.)

Fim do 5.º quadro.



ACTO VI.

O theatro representa uma sala em casa de José Duarte; cadeiras, sofás, e tudo quanto é necessario para formar um elegante salão. Portas de entrada no fundo. Janelas á direita. A' esquerda, no fundo, uma porta que dá para o interior. E no 1.º Bastidor a do quarto de Anselmo.

SCENA I.

(Ao levantar do panno, José Duarte está assentado em um sofá, tendo junto a si também assentado Anselmo decentemente vestido.)

JOSÉ DUARTE *(levantando-se e trazendo Anselmo para a scena.)*

Sim, meu irmão, muito tens com effeito sollrido, mas eu procurarei, quanto for possível adogar teus infortunios. Reconheço que fui delles causa, que o não querer entregar-te os bens de minha cunhada, de que me achava de p. sse na qualidade de seu tutor, fez com que me oppozesse ao teu casamento, porém o céo puniu-me bem cruelmente. Minha mulher foi barbaramente assassinada e minha filha por 12 annos esteve privada da companhia de seu pai.

ANSELMO.

Com tudo ella já te foi restituída, ao passo que a minha... nem mesmo sei se viverá ainda! *(enxuga os olhos.)*

JOSÉ DUARTE.

Não te afflijas, não te entregues assim ao desespero: de hoje em diante seremos dous a procural-a, e uma voz secreta me diz, que havemos de descobri-la. *(Anselmo abana a cabeça em or de duvida.)*

SCENA II.

OS MESMOS E ELISA.

ELISA *(vindo de dentro.)*

Bens dias meu pai *(beija a mão.)* Meu tio *(beija a mão de Anselmo ficando no meio dos dois.)*

JOSÉ DUARTE.

Minha querida filha, como passaste o resto da noite?

ELISA.

Melhor, meu pai, mais tranquilla, e conto que em sua companhia estarei em breve completamente restabelecida.

JOSÉ DUARTE.

Oh! os malvados como te torturarão! E ainda não foram encontrados para pagarem es enormes crimes, que tem commettido.

ANSELMO.

Eu juro que heide descolrir o seu cõvil, só se elles desaparecerem de cima da terra. Seel ratos? tratarem a esta pobre innocente da maneira a mais indigna? por felicidade a policia chegou a tempo para impedir o mais horrivel dos attentacs! Quando eu entrei nessa toca mal-ãita, achei-a, coitadinha! *(ajuntar'o para Elisa)*, estendida no chão sem sentidos, e só os recuperou para vencer-na, de que havia perdido a razão. Vendo-a nesse estado, confesso que não tive coragem para conduzi-la aqui. Como entregar a seu pai uma filha desassisada, uma filha que se tem achado por um instante e de novo perdida?

Julgando o seu estado de alienação mental, consequencia do susto e da emoção, pareceu-me mais acertado guardal-a em minha companhia por alguns dias em quanto esse estado não lhe passasse. Não errei no meu calculo : bastarão apenas alguns soccorros e o descanso para fazel-a recuperar a razão.

ELISA.

Meu tio, eu lhe devo mais do que a vida, pois quando ainda me lembro dessa fatal noite, um tremor geral se apossa de meus membros.

JOSÉ DUARTE.

Nesse caso não nos recordemos mais do passado, e eu te prometto á forza de carinhos fazer-te esquecer dos teus tormentos (*entra Christovão.*)

CHRISTOVÃO.

O Sr. Jeronymo e o Sr. barão da Lagoa, pedem licença para entrar.

ELISA (*á parte tendo um sobre-salto.*)

Carlos!

JOSÉ DUARTE (*que notou o sobre-salto.*)

Tremeu ao ouvir seu nome. Parece-me que em breve verei minha filha baronza ; *a Christovão* dizelhes que subão. (*Christovão vai-se.*)

ANSELMO (*a José Duarte.*)

Como te chegão visitas, eu me retiro.

JOSÉ DUARTE, *retendo-o.*)

Em tal não consinto, quem ali chega é o segundo pai da minha Eliza, e eu quero ter o gosto de apresentar-lhe o seu salvador.

SCENA III.

[OS MESMOS, JERONYMO E CARLOS.

JERONYMO *[entrando.]*

Sr. José Duarte, venho dar-lhe um apertadissimo abraço e felicital-o pela volta da sua querida Eliza

JOSÉ DUARTE.

Eu com todo o prazer o recebo *[abraça-o.]*

JERONYMO *[indo abraçar Eliza.]*

Minha filha! *[depois de abraçá-la volta-se para José Duarte:]* Não tenha ciúmes deste tratamento, porque não usurparei os seus direitos.

JOSÉ DUARTE *[vindo-se.]*

Por certo que não os tenho, porque se eu sou pai por natureza, o senhor é por criação.

CARLOS.

Eu tambem acompanho senhor, a meu amigo, no prazer que manifesta pela volta da Sra. D. Eliza. Conhecendo-a desde a infancia, não podia ser indifferente a um tão prospero evento.

JOSÉ DUARTE (*apertando-lhe cordiamente a mão.*)

Muito obrigado, Sr barão, muito obrigado. Tanto eu como minha filha, sabemos do quanto lhes somos devedores. *(Passa-o para o lado da filha e dirige-se ao sofá, onde se tem ido assentar Anselmo.)* Aqui está o seu salvador. Sr. Jeronymo, a elle deve Eliza o não estar hoje morta e deshonrada. E' meu irmão, a quem não via ha quasi 16 annos. *(Anselmo levanta-se, aperta a mão de Jeronymo, e ficam todos os tres ao lado do theatro a conversar.)*

CARLOS (*a Eliza do outro lado da scena, e em voz baixa.*)

Sim, minha Eliza, por certo não podes calcular os golpes que soffreu meu coração, quando recebi a noticia do teu desaparecimento. Não sei como não perdi a razão; mas agora que o céo restituiu-te a meu amor, não dilates por mais tempo a minha suprema ventura. Deixa, que eu formalmente peça a tua mão a teu pai; julgo que elle não m'a recusará. *(José Duarte aponta para elles rindo-se, mostrando o barão e a filha a Jeronymo.)*

JERONYMO.

Façamos vista gorda, que eu já sei tudo isto em que vem a dar.

ELIZA.

Pois tão depressa, Carlos?

CARLOS.

Como, Eliza?! por ventura te oppões aos meus projectos? mudarias acaso? oh! se assim for, serei bem desgraçado!

ELIZA.

Eu mudar! Quão injusto que és! Sabes que encontrando meu pai, a vida a-sín mesmo me parecia despida de encantos, porque não estavas a meu lado. Nunca meu amor para contigo afrouxeu, mas, ha apenas um dia que meu pai me aperta em seus braços e a idéa de ficar depressa privado de sua filha, certo lhe tornaria amargos os doces momentos, que ora disfructa.

CARLOS.

Ainda mais este sacrificio, Eliza? eu t'o offereço em troca de teu amor.

IERONYMO (*levantando-se.*)

Barão, o Sr. José Duarte acaba de convidar-nos para com elle jantarmos hoje; eu aceitei o convite por ti; mas como ainda é cedo, vou dar algumas voltas, que me são indispensaveis, e logo então tornarei! Tu se quizeres, podes ficar.

CARLOS.

Não, nesse caso voltarei contigo, porque tambem preciso de ir ao quartel dar algumas ordens.

JOSÉ DUARTE.

Como quizer; isto é sem cerimonia.

CARLOS.

Muito obrigado, tenho mesmo precisão de sahir; logo terei a satisfação de vir então receber o seu favor. (*Volta-se para Eliza complimentando-a*) Senhora. . . . (*comprimenta a José Duarte e aperta a mão.*)

JOSÉ DUARTE *(a Jeronymo.)*

O refeitorio é ás 3 horas; venhão antes para podermos conversar a gosto.

JERONYMO E CARLOS.

Não faltaremos. *(Retirão-se acompanhados por José Duarte e Anselmo que os conduzem à escuda.)*

ELIZA *(à parte.)*

Tornei a vê-lo! ainda me ama! nada mais tenho agora que pedir ao céo.

JOSÉ DUARTE *(voltando com Anselmo.)*

Vamos dar providencias ao jantar. Por ora, minha Eliza, como ainda és hospeda, assistirás a ellas; porém em breve tu mesma as darás, por seres a senhora absoluta desta casa; *(a Anselmo)* meu irmão, sabes onde é o teu quarto. . . . quando te parecer ou quizeres. . . .

ANSELMO.

Sim, retiro-me, porque necessito de descansar um instante. *(Vai-se pelo fundo do theatro, e José Duarte passando o braço pela cintura da filha, retirão-se pela porta direita no primeiro bastidor.)*

SCENA IV.

RODRIGO *(só.)*

(Rodrigo vem de fóra, entra muito triste, põe o chapéo sobre a mesa, e fica algum tempo meditando; depois diz com voz magoada.)

Tudo tem sido em vão e não é possível alcançar della a menor noticia! Fatal mulher, que te vieste introduzir no centro de minha familia para roubar-me a paz e a tranquillidade de espirito! Maldita seja a hora em que te conheci a ti detestavel embusteira, que com tuas artes e maleficios me obrigas á amar-te loucamente, e a não poder viver sem passuir-te *(passeia meditando.)* Desde que tão perfidamente d'aqui se evadiu roubando tudo quanto de precioso meu pai em sua boa fé lhe havia dado, tenho feito esforços inauditos para banil-a do pensamento, e quanto mais isso desejo, menos o consigo. Minha propria irmã, que é o seu perfeito retrato, inda mais veio avivar-me as saudades dessa cruel, e a minha paixão tem subido a tal ponto, que commetteria desatinos, mesmo crimes, para encontral-a.

SCENA V.

O MESMO E CORUJA *(pondo a cabeça fóra da porta da entrada.)*

CORUJA *(vestido de cocheiro e com voz mysteriosa)*

Sr. Rodrigo?

RODRIGO.

Quem é? que me quer?

CORUJA.

Desejava dar-lhe duas palavras em particular.

RODRIGO.

Pois entre, e diga o que pretende.

CORUJA (*entrando, mas sem avançar.*)

Eu sou o cocheiro, que naquella noite conduzia a moça que V. S. bem sabe.

RODRIGO (*chegando-se a elle com pressa e puchando-o para a scena.*)

Ah! foi você o cocheiro! diga amigo, diga-me depressa o que é feito della? onde existe?

CORUJA (*sorrindo-se.*)

Isso por ora são contos largos: é um segredo que não é possível descobri-lo immediatamente.

RODRIGO.

E porque? quer dinheiro? tome, tome lá (*dá-lhe uma moeda.*)

CORUJA (*guarda a moeda.*)

Não é por dinheiro; mas sim porque tenho prohibição formal e espessa de dizer o lugar do seu retiro.

RODRIGO (*com mau humor.*)

Nesse caso que vieste cá fazer?

CORUJA.

Espere, meu senhor, espere, não vá com tanta pressa. A pequena depois que lhe fugio, (tendo para isso razões, que ignoro) tem estado desesperada por não vê-lo, e mais não podendo supportar sua ausencia, chamou-me hoje (eu moro n'um quartinho ao pé da casa della. V. S. bem sabe, que a gente, quando é pobre, não tem remedio senão sugar-se ás circumstancias.) Porém como ia dizendo, a tal rapatigota chamou-me hoje, e me disse chorando: Sr. Thomaz, (este é o meu nome) o senhor foi quem para aqui me conduziu, quando eu me ausentei da casa daquelle bom velho, de quem conservo saudades. Por tanto, ao senhor mesmo é a quem quero dever um favor maior que a vida. Estará prompto a fazel-o? a servir-me neste pedido? Confirme. lhe respondi eu... não sendo diaheiro ou cousa que o valha, tem-me ás suas ordens. Então, (continuo ella com uma vezinha de assucar refinado) nessa mesma casa procure a um moço chamado Rodrigo (assim se diz na ausencia) e faça todo o possivel para trazel-o aqui esta noite: mas nada de lhe dizer por ora onde eu me acho. Esta exigencia me pareceu lá um tanto extravagante, todavia como eu não era mais do que um mero portador de recados, não me embaracei com isso, e vim dar conta da missão. Agora se V. S. quizer, diga-me a que horas o devo vir buscar. O meu carro é o melhor que se apresenta no Rocio, e tenho (com perdão de V. S.) uma parelha de mulas que até fazem vir agua á boca.

RODRIGO.

Meu amigo, nem sabes o obséquio que me fizeste dando-me uma semelhante noticia. Vem com o teu carro ás ave-marias, que eu irei contigo.

CORUJA.

Ah! senhor, nem com tanta fome á caixa! a essa hora é muito cedo e a visinhança. . . . mesmo a gente de casa darão com a lingua nos dentes, e V. S. deve lembrar-se de que uma rapariga solteira. . . . basta que eu esteja aqui ás 10 horas.

RODRIGO.

E' muito tarde para a minha impaciencia; mas que não exceda um minuto.

CORUJA.

Lá sobre isso pôde ficar descaçado, que em pontualidade ninguém me ganha. A proposito, como eu quando for jantar tenho de vel-a, não seria mau que V. S. escrevesse duas letras para ella ficar mais consolada.

RODRIGO.

Lembras bem. Espera então aqui que eu dou um pulo ao meu quarto e não tardarei com a carta *(vai-se)*.

CORUJA

Sim, senhor, eu o esperarei.

SCENA VI.

CORUJA *(só.)*

O acaso me tem em tudo favorecido. Pondo-me de sentinella na venda do canto, vi-o entrar, e vindo-lhe na pista, encontro-o só e impinjo-lhe a moca. Se cahir na

rat-eira, teremos uma boa pojuta. Uma casa como a delle tem sempre dinheiro em caixa, e então inda mesmo que cousigo hoje não leve mordê, contentar-nos-hemos com uma ordem á vista, que fatalmente será paga.

SCENA VII.

O MESMO E RODRIGO.

RODRIGO (*com uma carta.*)

Aqui tens, amigo, entrega-lhe em mão propria, e não me faltes á hora convencionada.

SCENA VIII.

OS MEMOS E ANSELMO.

ANSELMO (*sahindo do quarto.*)

Meu sobrinho, como te ouvi a falla (*dá com Coruja e repara bem nelle, á parte.*) Esta cara? eu já vi este homem fosse eude fosse.

CORUJA (*á parte.*)

O maldito velho parece reconhecer-me, ja aqui nao eslou bem. (*Alto a Rodrigo*) Meu amo, com sua licença (*vai-se.*)

RODRIGO.

Adeus! adeus.

ANSELMO (*á parte seguindo-o com a vista.*)

Não tem duvida! é o mesmo! e isto é volta de grande maroteira. Vou empregar já todos os meus cinco sentidos.

RODRIGO.

Quando entrou meu tio, pareceu-me que queria falar-me.

ANSELMO.

Não. Fui para o meu quarto a ver se dormia, mas não tendo somno e ouvindo-te a voz, vinha conversar. Porem dize-me se não ha n'isto indiscripção, que cocheiro é este, que d'aqui sahio agora ?

RODRIGO.

E' um cocheiro da praça, a quem mandei chamar para ajustar um carro para esta noite.

ANSELMO.

Para esta noite!? Pois heje que teu pai dá um baile pela vinda de tua irmã, tu pretendes sair?

RODRIGO.

E' um negocio urgente, e que não pôde ser deferido.

ANSELMO (á parte.)

Negocios com este homem? nada, eu devo espreital-os, porque aqui anda trameia, e grande!

RODRIGO.

Meu tio, eu cheguei de tôra muito suado, e se me da licença vou mudar de fato.

ANSELMO.

Essa é boa! estás em tua casa. (*Rodrigo faz-lhe um cumprimento e vai-se pela direita do espectador.*) Não quiz conversa, e loi-se esguerando. Está em capitulo de namoricos, não ha que extranhar (*passa-a.*) Meu irmão já encontrou sua filha, e eu nada sei ainda á erca des entes que me são tão caros. Não devo descansar em quanto ao menos não souber, se são vivos ou mortos (*senta-se a um dos lados da sa'a.*)

SCENA IX.

O MESMO, MARIA JOANNA (*precedida por Christorão.*)

CHRISFOVÃO.

Demore-se aqui em quanto vou dar parte ao aine de sua vinda. *Christorão entra pela esquerda da scena.*

MARIA JOANNA (*que julga-se só.*)

E' aqui, não tem duvida (*peça do por um jornal* o n. 37, portão de ferro á esquerda. Praza ao céu que eu lhes convenha, e que a final encontre um asylo, que me ponha ao abrigo da miséria. Depois do desaparecimento de minha filha, depois que a polícia invadiu a casa desse supposto D. Benjamin, e que para averiguações estive presa, ninguém mais me tem querido receber, suppondo-me criminosa, e por isso tenho-me visto privada de tudo. Este annuncio, que hoje li no *Jornal do Com-mercio*, indicou-me que nesta casa se precisava de uma criada grave, que servisse ao mesmo tempo de companhia a uma joven senhora. Apressai-me pois a correr a este chamado. Permitta Deus, que já não chegue tarde, que não me despeção,

porque tenho perdido as ultimas esperanças *deixa cair a cabeça, e fica por algum tempo pensativa.*) E minha pobre Leonida, o que terá sido leito d'ella? ao menos, Senhor, restitui-me, já que para sempre me privastes do meu querido Anselmo *chora e leva o lenço aos olhos.*)

ANSELMO *(ouvindo as ultimas palavras.)*

O meu nome! esta voz! será um sonho? uma illusão? *(chega-se a ella)* Senhora, porque chora? porque assim se afflige?

MARIA JOANNA *(à parte.)*

Justes céos! eu conheço esta falla! *(olhando para elle)*
Ah! *recua.*

ANSELMO,

Que é isto, senhora, cause-lhe horror?

MARIA JOANNA *(tornando a si da emoção.)*

Perdoe-me, perdoe-me. Julguei ver uma pessoa. . . mas não, é impossível. Quando o conheci, era bem moço e no decurso de desasseis annos não podia ter o seu aspecto.

ANSELMO *(commovido.)*

Mas se os trabalhos apressassem a sua velhice? se um profundo golpe, que na cabeça recebeu, o privasse da razão por longo tempo, e sobretudo se a perda de um objecto adorado houvesse branqueado seus cabellos, e enrugado seu semblante?

MARIA JOANNA *(interrompendo-o.)*

Senhor, por compaixão não acabe, não me faça conceber uma vã esperança, que o desengano seria peor que a morte.

ANSELMO *(transportado).*

Não é uma esperança, Maria Joanna, é uma realidade! tens diante de ti teu amante, o teu esposo, o teu Anselmo.

MARIA JOANNA.

Anselmo! *cahiado—lhe nos braços.*

SCENA X.

OS MESMOS, JOSÉ DUARTE, ELIZA, RODRIGO E
CHRISTOVÃO.

JOSÉ DUARTE.

Que é isto? Anselmo abraçando uma criada!

ANSELMO *com arrogancia.*

Não é criada, meu irmão, é minha esposa, por quem tanto chorava.

JOSÉ DUARTE.

Minha cunhada! será possível! oh! a sorte já se cansou de perseguir-te!

ANSELMO.

Não de toda, pois ainda nos falta a nossa querida filha: mas tenho fe em Deus de que hei de encontrá-la.

MARIA JOANNA *abraçando-o.*

E Deus te ouço, meu amigo, só assim será completa a minha ventura.

Fim do 3.º acto e 6.º quadro.

ACTO VI.

QUARTO VII.

O Theatro representa uma velha sala com alguns moxos de pãa, uma mesa tosca, sobre a qual ha uma botija com uma vela accesa no gargalo, uma caixa de piabo do lado esquerdo da scena, uma esteira de tabita do lado direito do fundo do Theatro, garrafas e laranjas sobre a mesa: no fundo do Theatro ha uma porta de entrada e uma janella.

Ao levantar do panno vê-se Esfolador e o Boticario a fumarem sentados junto á mesa: Leonida deitada sobre a esteira, que existe no fundo da scena.

SCENA I.

ESFOLADOR.

O Aragão já tocou ha mais de um quarto de hora, portanto o Coruja não deve tardar.

BOTICARIO *(levantando-se e vindo para a scena.)*

E' preciso confessar, que vale mais a cabeça delle, do que nós dous inteirinhos. Que bella lembrança, que elle teve! vê tu, se a algum de nós veio semelhante cousa ao pensamento!

ESFOLADOR.

Está bom, por cra não lhe faças tantos elogios. Vamos a ver, como se safa da arriosa.

BOTICARIO.

Não tem duvida, que se ha de sahir muito bem, até por que ella não é tão difficil como parece. O grande caso foi

conceber a idéa, que para pôl-a em pratica qualquer servia. Rodrigo, depois que a pequena desapareceu, anda doudo, como peixe fóra d'agua, indo-se-lhe portanto dizer, que a pequena quer vê-lo, está cahido como um patinho, e é capaz de ir ao fim do mundo. Já vês, por ahi, que o Coruja ha de trazel-o consigo pelo cabresto.

ESFOLADOR.

E depois de cá o pilharmos, então pagará bem caro a sua tolice. Mas se o melro não trazer dinheiro consigo? seremos nós os logrados.

BOTICARIO.

Sempre és muito estepido! não vez dous palmos diante do nariz. Não sabes, bruto, que Rodrigo tem uma grande casa de commercio, que deve ter sempre grandes sommas em caixa, e que uma ordem sua vale o mesmo que dinheiro?

ESFOLADOR.

E' verdade! não me lembrava disso! Porém dize-me cá: ainda que elle passe a ordem, hoje, não poderemos ir receber o dinheiro, e só amanhã, pelo menos. D'aqui até lá, haverá tempo de sobra para tudo descobrir, fazer-nos prender, e até levar-nos á forca, se quizerem.

BOTICARIO (*rindo-se com despreso.*)

E's o maior animal, que eu conheço. E para que estás aqui alarve? Não sabes qual é o teu unico prestimo?

ESFOLADOR (*rindo-se.*)

Ah! é verdade! agora entendo. (*Pega no punhal que tem no seio, e Leonida ergue-se um tanto na cama e põe-se muito attenta.*)

BOTICARIO.

Pois isso está claro. Assim como assim, temos de fugir para outra parte recebido o dinheiro. Então que mal n' s póde fazer uma morte de mais ou de menos?

LEONIDA (*á parte.*)

Que monstros!

ESFOIADOR (*chegando-se ao Boticario e com a voz baixa.*)

E da pequena o que faremos?

BOTICARIO (*no mesmo tom.*)

Per ora não sei, isso é lá com o Coruja, que tem sobre ella seus projectos. Quando elle vier, veremos (*olhando para ella*). Está dormindo a somno solto, e sem ceiar: isto fará com que tenha mais sonhos. Vou acordal-a para ajudar-nos a passar o tea po (*dirigindo-se á esteira*). Oh! senhora Dona dorminhoca! . . . D. Leonida! acorde que já é dia. *Leonida fugindo que acorda, e levantando-se.*

LEONIDA (*com mão levantada.*)

Que me quer?

BOTICARIO.

Oh! como se levantou zangada! se acaso acordei-a, menina, foi porque vi, que estava dormindo sem ceiar, e não é bom deitar-se a gente com o estomago vazio.

LEONIDA (*atravesando a scena e indo-se assentar na cadeira de pinho.*)

Fico-lhe obrigada pela attenção.

BOTICARIO.

Não tem de que ; porém venha sempre comer, ao menos uma laranginha, que é fructa fresca, e faz bem á massa do sangue.

LEONIDA.

Não tenho vontade.

ESFOLADOR.

Menina, faça o que elle diz, que elle entende destas cousas. Teve seus principios de boticario. (*Leonida encolhe os hombros e volta-lhe as costas.*)

BOTICARIO.

Deixa-a. não a epaquentes.

ESFOLADOR (*bairo a Boticario.*)

E' uma embelezada que não seria máo se fesse fazer companhia ao tal melro de Rodrigo.

BOTICARIO (*bairo a Esfolador.*)

E como elle tarda! Esta demora já me vai dando que cuidar. Estou tão ansioso, que vou até á estrada ver se descubro alguma cousa.

ESFOLADOR.

Pois vai, vai enquanto eu vou picar fumo para cigarros, que o meu acabou-se.

BOTICARIO (*fazendo signal para Leonida.*)

Sentido! que o passaro não nes escape.

ESFOLADOR.

Deixa estar, que estou com olho vivo. (*Acompanha Boticario até á porta, logo que este sahe torna a fechar-a. Dirigindo-se para a porta da cosinha diz a Leonida.*) Como não quer criar, pôde deitar-se, esteja a gosto, sem cerimonia (*entra na cosinha.*)

SCENA II.

LEONIDA (*sô, levantando-se e vindo para a scena.*)

Emfim, comprehendendo agora a razão por que estes malvados me tem conservado a vida até hoje, o que na realidade muito me admirava em vista da sua lealdade; mas que-rião fazer jogo comigo, e aproveitando-se do amor desse incauto Rodrigo, para aqui o conduzem afim de o roubarem, de o assassinarem diante de meus olhos! e eu sem poder valer-lhe? oh! meu Deus! e consentireis em tal? soffri-reis que estas furias, sedentas de sangue, commettão tranquillamente o mais horroroso dos crimes? não, senhor, vossa justiça não permitirá. Se eu fui delinquente, seduzida pela ambição, abandonando minha pobre mãe, recaia sobre mi-n sómente a vossa cólera celeste; mas a elle! a elle e que é innocente, preservai-o de todo o mal *medita*! Infames! com que audacia soberão conduzir-me a este logar! e nem um meio de eu sahir daqui? (*applica o ouvido*) Parece-me que sinto ao longe o rodar de um carro. Se eu ao menos pudesse fazel-o parar na estrada? (*olha para todos os lados*). Os malvados estão distantes, e aquella janella. . . porque não o tentarei? que arrisco? . . . a vida? essa mais tarde ou mais cedo elles me tirarão (*cheja á janella, abre e vai saltar para fóra: nesse momento cheja Boticario e dá-lhe um empurrão que a faz cahir dentro da scena: immediatamente salta tambem a janella e a fecha.*)

SCENA III.

A MESMA E BOTICARIO.

BOTICARIO.

O que é isto, menina ? quer expor-se assim ao sereno ? não vê que a noite está fria, e que se pôde constipar ? Deixe-se aqui estar, que está mais agasalhada. Daqui a pouco ha de chegar uma visita, que lhe dará muito prazer. (*Leonida tem-se levantado chorando e vai assentar-se sobre a cadeira.*)

BOTICARIO (*á parte.*)

E como ia se escafedendo a tal franginha, e o bruto de Esfolador onde é que se meteu ?

SCENA IV.

OS MESMOS E ESFOLADOR (*sahindo da cosinha com um cigarro a fumar.*)

ESFOLADOR.

Oh lá ? Já de volta ? Que noticias temos ? nada de novo por ora ?

BOTICARIO.

Não podem tardar um segundo. Deixei o carro o voltear o rio. Mas para onde diabo foste enquanto eu estive fóra ?

ESFOLADOR.

Fui á cosinha picar fumo para o cigarro.

BOTICARIO.

E no entanto o passaro ia nos fugindo da gaiola.

ESFOLADOR.

Como assim ? *(ouve-se parar um carro.)*

BOTICARIO.

Silencio !ahi chega o bicho.

LEONIDA *(cahindo de joelhos.)*

Meu Deos ! Tende compaixão *(batem tres pancadas na porta do fudo.)*

LEONIDA *(gritando.)*

Rodrigo ! Rodrigo !

ESFOLADOR *(corre a ella e tapa-lhe a boca.)*

Cala-te, cala-te, desgraçada ! *(Boticario vai abrir a porta. Apenas a porta está aberta Coruja empurra Rodrigo, e fica tanto elle como Boticario de guarda á porta, que o mesmo Coruja tem fechado depois da entrada de Rodrigo.)*

SCENA V.

OS MESMOS, CORUJA E RODRIGO.

RODRIGO.

Que é isto ? uma traição ?

LEONIDA (*correndo a elle.*)

Sim, Rodrigo, querem roubar-te e depois matar-te.

CORUJA (*sorrindo com hypocrisia.*)

Esta pequena com a sua ausencia creio que tem voltado a loia.

RODRIGO.

Mas porque me conduziste a este lugar, onde eu julgava encontrá-la só, e acho-me no entanto com tres homens?

CORUJA.

Ea lhe digo, meu senhor. Os tempos andão calamitosos e a gente ha nesta por mais, que laça, não póde nem ganhar para comer. Inda ao menos se a deixassem saecada e quieta, bom seria; porém qual? é o chefe de Policia, é o subdelegado, e o inspector de quartecião, finalmente são todos a embirrarem com a pobre gente, que não a deixão pôr pé em ramo verde. Assim não tem ella remedio senão recorrer ás almas generosas, como a sua, nos momentos mais críticos. Estamos doentes, e os medicos nos tem recommendado mudança de ares, que o clima deste paiz não nos faz bem. Ora, como não temos dinheiro para a viagem, o senhor ha de ter a bondade de nos emprestar algum, que depois lhe pagaremos.

RODRIGO (*à parte.*)

Estou perdido! caí em uma caverna de ladroes! (*olhando para todos todos vê-se cercado pelos tres, alto*). Eu, além de alguns bilhetes miudos, nada mais trago comigo.

BOTICARIO.

Pois venhão esses mesmos (*Rodrigo dá-lhe a carteira*).

ESFOLADOR (*tirando-lhe o relógio*)

Se não precisa do relógio, emprestar-m'ò-ha por cinquante.

RODRIGO (*à parte*.)

E nenhuma arma comigo para vender-lhes caro a vida?

LEONIDA (*a parte*.)

Se eu pudesse ao menos fallar-lhe ? talvez que me supponha cúmplice desta trama infernal!

CORUJA.

Com effeito, Sr. Rodrigo, V. S. trouxe na verdade muito pouco dinheiro ; mas com pessoas de sua ordem qualquer tira de papel vale tanto como notas do thesouro. Saque uma ordenzinha sobre a sua casa : basta abi de uns vinte contos de réis, que é a somma precisa para a nossa viagem.

RODRIGO (*reflectindo*.)

E depois de assignal-a deixar-me-hão a sahida livre?

TODOS TRES.

Que duvida ?

CORUJA.

O mesmo carro que o trouxe o reconduzirá.

RODRIGO.

Venha papel e tinta para passar a ordem.

CORUJA (*tendo tirado da caixa papel e tinta e pondo sobre a mesa.*)

Aqui está tudo, o papel é sellado.

RODRIGO *pucha um banco senta-se á mesa e principia a escrever. Os tres fazem signal entre si de contentamento. De repente Rodrigo pára, reflecte, bate com a penna sobre o papel e levanta-se.*

Não passo lá! ordem.

CORUJA.

E porque ?

RODRIGO.

Porque ? porque assignando-a, assigno a minha morte.

CORUJA.

Ora...ora...que injustiça ! Logo que a ordem estiver em nosso poder, ninguém porá o menor embaraço á sua retirada.

RODRIGO.

Infame ! E's demasiadamente esperto; mas não me podes fazer cahir em teus internaes laços. Tu bem saberás, que a ordem, que eu agora te passasse, não podia ser cobrada senão amanhã pelo menos, e que eu livre agora, iria de prompto denunciar-te, oppôr-me ao pagamento de uma

obrigação estorquida pela força. Portanto assignando a ordem, comprometto a minha existencia. Recuso-me decididamente a fazel-o.

CORUJA.

Esta objecção é bem apresentada não ha duvida, mas logo cahirá quando V. S. sber das nossas intenções. Não pense que isto é — Toma lá, dá cá, — nós tambem sabemos calcular e prever as consequencias. Enquanto a ordem não for cumprida, tel-o-hemos debaixo de boa guarda: porém apenas vierem os cunquibus, que mais precisão teremos de sua pessoa ?

LEONIDA.

Elles te mataráo, Rodrigo.

RODRIGO (*à parte.*)

E' claro ? Em todo o tempo ser-lho-hei um accusador terrivel, e só a minha morte os poderá livrar do meu festemunho. Sempre me mataráo, assim matem-me sem me roubarem.

CORUJA (*com muito bom modo.*)

Sr. Rodrigo, que resolve ?

RODRIGO.

Para traz, saltador, vibra o teu punhal. Iere embora que não obterás de mim nem a mais pequena moeda.

CORUJA.

Mas, senhor !

RODRIGO (*empurrando-o.*)

Já te disse, malvado! e antes que eu morra (*agarra em um moxo, vai dar com elle em floruja. Todos os tres sacção os punhaes, e vão feril-o.*)

ELONIDA (*pondo-se por diante delle e dando um grito.*)

Ah! (*recebe no peito uma punhalada, e cahc desmaiada nos braços de Rodrigo: nessa occasião ouve-se um grande tropel de cavallo fora, grandes pancadas nas portas e janellas, e uma voz: Abri, abri por ordem do chefe de policia.*)

BISTICARIO.

E a policia! fuja mos! (*correm os tres em diversas direcções.*)

CORUZA.

Como fazer, se estamos cercados por todos os lados, e elles já arrombão as portas?

ESPOLADOR.

Nesse caso abrimos por entre elles uma passagem sação dos bolsos pistolas, e dirigem-se à porta, que nesse momento é deitada à baixo, apparecendo Anselmo e muitos permanentes. Apenas os tres os vêem, fazem-lhes fogo com as pistolas, e este fogo é immediatamente correspondido pela tropa, que entra em tumulto.)

BONICARIO (*volta à scena com a mão sobre o peito esquerdo, e cahc, dizendo:*)

Estou ferido! Eu morro! (*cahe estendido no chão.*)

ANSELMO (*dirigindo-se para o lado em que está a filha desmaiada ; cahe de joelhos dizendo :*)

Po' re menina ! foi assassinada !

REDRIGO (*que tem estado com um lenço a estancar o sangue de Leonida, vendo o tio ferido.*

Meu tio ! tambem está ferido ?

ANSELMO (*mostrando o braço.*)

Julgo não ser nada.

UM INSPECTOR DE QUARTEIRÃO (*verificando a morte do Boticario, e que os outros dous estão bem seguros pela escolta, diz á mesma : Que o morto e os feridos sejam levados á Santa Casa, e os presos á cadeia do Aljube. Eu já vou formular a parte.*)

Fim do 7.º quadro.



ACTO IV.

QUADRO VIII.

O theat o representa a sala grande da cadeia do Aljube. Tanto do lado direito, como do lado esquerdo da scena, ha duas jaellas com grades. No fundo, do lado esquerdo da scena, ha uma unica porta de entrada. Ao lado da porta, ha um instrumento de páo, de se tomar as alturas. Ha uma mesa pequena, collocada á esquerda da scena. Está assentado um escripturario, em frente á essa mesa; do lado direito existe outra grande, tendo no topo uma cadeira de braços e algumas cadeiras em roda da sala.

SCENA I.

Ao levantar do panno, dous pretos estão varrendo a sala.

ESCRITURARIO (*aos pretos.*)

Vamos, vamos com isto, que já é tarde! Malditos! tudo que fazem é de má vontade, e por isso gastão um tempo immenso para qualquer cousa. (*Levanta-se e vai arranjar, na mesa grande, o tinteiro, papel e alguns livros.*)

SCENA II.

OS MESMOS E UM SOTA-CARCEREIRO. (*Entrão com um mólho de chaves.*)

SOTA-CARCEREIRO.

Com mil diabos! são quasi nove horas, o subdelegado não tarda, e a sala ainda não está varrida?

ESCRITURARIO.

Pois que quer, se me mandão para cá dous animaes desta especie?

SOTA-CARCEREIRO.

Homen, quando o carcereiro está doente, tudo anda mal nesta casa, mas eu hei de deixar o meu systema de brandura. Daqui em diante, o serviço não me andando direito (*dirige-se aos pretos*), a casa de boi ha de trabalhar.

ESCRITURARIO.

E' do que elles precisão.

SOTA-CARCEREIRO (*aos pretos que tem concluido.*

Vão guardar as vassouras e yealhão deitar agua na talha.
(*Os pretos retirão-se. Sota-Carcereiro e o Escriptuario vem para a scena.*)

ESCRITURARIO.

Hoje não ha mais do que os interrogatorios aos réos?

SOTA-CARCEREIRO.

Só, mas isso mesmo ha de levar tempo, por que o Sub-delegado quer esmirilhar o negocio.

ESCRITURARIO.

Pois as testemunhas não fazem bastante carga?

SOTA-CARCEREIRO.

E uma carga de todos os diabos ! Erão tres salteadores, dignos da sociedade da Mantiqueira, e então o tal Esfolador l'esse diabo, para matar não cochilava ; porém, eu não lhe queria estar na pelle. Segundo o caminho que as cousas vão levando, acho, que para elle melhor seria, se tivesse tido a mesma sorte do Chico Beticario.

ESCRITURARIO.

Porque ? fugio ?

SOTA-CARCEREIRO.

Ai ! que parece que você anda no mundo da lua ! Quando a peçica deu-lhes na teca, elles resistirão, matarão a um permanente, ferirão a um velho e a uma moça, e fazendo-lhes tambem fogo a escolta, o Boticario ficou pelas custas. Isto até consta da parte que acompanhou os presos.

ESCRITURARIO.

Eu não a li, e por isso não admira que ignore estas circumstancias. E o tal outro tambem está complicado ?

SOTA-CARCEREIRO.

Cá na minha opinião esse tratante é o mais criminoso de todos ; porém teve sempre a habilidade de nunca figurar em primeiro lugar. Assim diz-me cá o meu bestunto, que elle não irá passeiar ao largo de Moura. Talvez seja condemnado a galés ! A cara é mesmo de condemnado !

SCENA III.

OS MESMOS, UM SUBDELEGADO, UM ESCRIVÃO,
DOUS OFFICIAES DE JUSTIÇA, DUAS SENTINELAS
(*que se postão à porta da entrada.*)

SUBDELEGADO (*ao Sota-Carcereiro.*)

Bons dias, meus senhor Como vai o carcereiro o, Sr. Sota ?

SOTA-CARCEREIRO

Da febre já está livre. Agora o que tem ainda, é alguma fraquesa.

SUBDELEGADO.

Estimo muito, que é uma excellente creatura (*dirige-se à mesa grande, onde já está o Escrivão assentado à esquerda da mesma, assenta-se na cadeira de braços, e depois diz, ao Sota-Carcereiro*): Mande vir um dos réos.

SOTA-CARCEREIRO.

Qual delles?

SUBDELEGADO.

Seja qual for, é indifferente; (*chamando-o*) olhe, espere. traga-me o Coruja, que é melhor que elle seja interrogado em primeiro lugar (*carcereiro vai-se.*)

SCENA IV.

OS MESMOS, EXCEPTO o SOTA.

ESCRIVÃO.

Ha 10 annos, Sr. subdelegado, que lido com criminosos. e confesso a V. S., que ainda não vi um tão ladino como este tal Coruja. Por mais que se batalhasse com elle, nem uma só vez escorregou, e o que disse a principio tem até hoje sustentado.

SUBDELEGADO.

E' sem duvida um formidavel espartalhão; mas não lhe

Não de valer as suas espertezas. A indetidade de pessoa, por mais que elle tenha querido negar está provada *(olhando para a porta)*, ali chegou elle.

SCENA V.

OS MESMOS E CORUJA *(acompanhados pelo Sotacarcereiro.)*

(Coruja traz um ar de grande hypocrisia e simplicidade : apenas avista o subdelegado, começa a fazer-lhe grandes cortesias, fingindo não saber o lugar que deve tomar.)

SUBDELEGADO *a Coruja.*

Chegue-se para cá.

CORUJA.

Sim, senhor. *(Vai collocar-se muito junto do Subdelegado.)*

SUBDELEGADO.

Não precisa tanto, basta que se ponha acolá. *(Aponta-lhe o fim da meza.)*

CORUJA *(tomando o lugar indicado.)*

Queira V. Ex. perdoar. . . . é este o primeiro processo em que tenho a desgraça de me ver mettido. *(Chora.)*

SUBDELEGADO.

Pois já não começa cedo.

CORUJA.

Começa o que, senhor, se sou innocente? Saiba V. S. que eu sou mesmo capaz de jurar sobre a cova de meu pai. Isto é uma calúnia, é um falso testemunho que me levantarão (*Chora mais alto.*)

SUBDELEGADO (*com ar severo.*)

Está bom, deixemo-nos de momos, e responda ao que se vai perguntar. (*Falla baixo com o escrivão que molha a penna e põe-se a escrever.*)

CORUJA (*enzugando os olhos.*)

Sim senhor ; eu respondo, sim senhor.

SOTA (*a parte, ao escripturario.*)

Sempre tive zanga a homens que chorão como mulheres.

ESCRITURARIO.

Apoiado : tirem-lhe as inquirições, que a final acharão uns velhacos maiores, que a torre da Candelaria.

SUBDELEGADO (*a Coruja.*)

Como se chama ?

CORUJA.

Jorge Ribeiro, por alcunha, Meia-noite.

SUBDELEGADO.

Meia-noite ? e porque lhe deitarão esse alcunha ?

CORUJA.

Porque, quando vim da minha terra, não tendo de que viver, fui ser arraez de um bote, que navegava para o Cajú ; e como sempre era muito prompto em servir aos passageiros a qualquer hora da noite, começaram a chamar-me meia-noite, meia-noite (*com um riso estúpido*), e assim ficou.

SUBDELEGADO.

D'onde é natural ?

CORUJA.

De Pelotas, Provincia do Rio Grande.

SUBDELEGADO.

Em que lugar estava quando commetteu o crime de que o accusão ?

CORUJA.

Tinha ido ao Engenho Novo levar um freguez no carro.

SUBDELEGADO.

Pois o senhor não me disse ha pouco, que era arraez de um bote ?

CORUJA.

Ah ! meu senhor ! ha que tempo já ha foi isso ! Depois que fizerão o cemitério no Cajú, aquillo ficou uma tapéra, e não havendo passageiros, vim procurar outro meio de vida. Como entendia de cocheiro, ganhava nisso o meu xintem.

SUBDELEGADO.

Ora diga-me, (isto é curiosidade minha) em que cocheira estava empregado?

CORUJA.

Em nenhuma, Sr. subdelegado. Como me dava com aquelles rapazes da praça, quando algum delles tinha frete e não queria ir, e ia em seu lugar, e sempre ia (*com riso estúpido*) comendo meus cobres.

SUBDELEGADO.

Bem, bem, deixemos essas historias. Conhece as testemunhas que jurarão em seu processo?

CORUJA.

Nem uma só, Sr. subdelegado, por este sol que me alumia, e se eu não juro verdade, me falem sete palmos de terra onde se deitem meus osses depois de morto.

SUBDELEGADO.

Nem ao menos conhece o moço que conduzio no carro?

CORUJA.

Foi essa a primeira vez que o vi.

SUBDELEGADO.

Tem factos que justifiquem ou provem a sua innocencia?

CORUJA.

Tenho uma chusma delles. Olhe V. Ex., o negocio passou-se assim como eu vou contar. Nessa noite maldita, e antes eu tivesse quebrado ambas as pernas, passando eu pelo Rocio (já era lusquefusque) um cocheiro, que eu não pude conhecer, me chamou e me disse: Meia-noite, hoje temos pechíncha, ás 10 horas tens de ir buscar um freguez, porque eu est u occupado. Ora, como quem mal não uza, mal não cuida eu para ganhar a gorgeta, logo que foi tempo apresentei-me, e indo buscar o freguez, levei-o onde elle dizia, e depois que chegamos, ouvindo barulho dentro da casa e gritos pelíndo soccorro, entrei; quando se não quando foi a casa cercada, e eu amarrado como um vil criminoso.

SUBDELEGADO.

Esse sistema de defesa não lhe pôde aproveitar, porque tem-se chamado todos os cocheiros da praça, e nenhum delles o conhece.

CORUJA.

Sim, não vê que elles mesmas vendo-me agora na cadeia hão de querer ser meus conhecidos? pois não, passam de largo!

SUBDELEGADO.

Sabe escrever?

CORUJA.

Já disse muitas vezes a V. S. que não.

SUBDELEGADO.

Assigne aqui pelo réo, Sr. official, *(vem um official á mesa assignar.)*

CORUJA *(á parte.)*

Irra? que me tenho visto em tallas; mas se o Esfolador, a quem prometti livrar, não der com a lingua nos dentes, não perco as esperanças de salar-me.

SUBDELEGADO *(no sofa-carcereiro, que, durante a scena antecedente, tem estado na mesa pequena lendo nas naipes, para que o escriptuario os vá copiando; parem ambos de vez em quando dão attenção ao Coruja, rindo-se e conversando entre si.)*

Mande vir o outro preso. *(O sofa-carcereiro chega á porta, faz um aceno, e immediatamente entra o Esfolador acompanhado por um guarda, como deve ter acontecido com Coruja.)*

SCENA VI.

OS MESMOS E ESFOLADOR.

(Esfolador entra com ar carrancudo e colloca-se diante do Subdelegado no fim da mesa.)

SUBDELEGADO.

Mandei-o buscar á minha presença para terminar o seu processo com o interrogatorio final; mas como se deu uma circumstancia, desejo que o senhor me instrua sobre alguns pontos. Continúa a negar que tivesse tido relações com este outro réo?

ESFOLADOR.

Sim, senhor ; nego, porque não o conheço.

SUBDELEGADO.

Falle a verdade. Do processo está bem provado que os senhores erão cúmplices em todos os crimes.

ESFOLADOR.

Já disse, senhor, não conheço este homem.

SUBDELEGADO.

Bem. Defenda-o; faça-lhe o que elle não lhe fez.

ESFOLADOR.

Como ? o que elle não me fez ?

SUBDELEGADO.

Pois não vio, que durante a inquirição das testemunhas, elle bem longe de defendel-o, ajudava a fazer-lhe carga !

ESFOLADOR (*olhando para Coruja com ar ameaçador.*)

No entanto lá dentro dizia-me o contrario, promettendo-me mundos e fundos.

SUBDELEGADO.

E' que o andava embaçando. O que queria era ver se o deixava de dentro, pondo-se elle na rua. (*Coruja começa a dar vivos sinais de inquietação.*)

ESFOLADOR.

Espero que assim não ha de acontecer, e já que elle foi falso para comigo, não cumprindo o que me prometteu, eu vou declarar toda a verdade. Este homem (*apontado para Coruja*) é o proprio Coruja de que se falla no processo. Ha mais de 18 annos que o conheço e liço com elle, e se quizerem ter mais certeza, veção que elle tem escripto no braço esquerdo com tinta azul a palavra Coruja. (*Coruja involuntariamente esconde o braço atraz das costas.*)

SUBDELEGADO.

Isso é uma grande descoberta (*dirigindo-se ao escriptão*), e será conveniente que esta circumstancia conste do processo.

ESCRIVÃO.

Parece-me que isto deve ser por meio de um exame, porque, sendo uma circumstancia que decide da identidade, não deve ser feita por um simples termo.

SUBDELEGADO.

Acho-lhe razão ; mas agora onde ir encontrar os peritos officiaes ?

ESCRIVÃO.

Podem ser avisados hoje para comparecerem amanhã.

SUBDELEGADO (*depois de reflectir, levantando-se.*)

Faça então es avisos para que estejam aqui ás 9 horas da manhã. Sr. Seta, póde mandar retirar os presos (*vão-se os presos acompanhados pelo Seta, pelas duas sentinelas e o escriptuario.*)

SCENA VII.

SUBDELEGADO E O ESCRIVÃO (*Subdelegado passeado, e o Escrivão à mesa escrevendo.*)

SUBDELEGADO,

Agora julgo que não resta a menor duvida sobre a criminalidade dos accusados. O seu processo offerece tanta materia, que a condemnação será infalivel, e que condemnação! Tantos roubos e assassiados, tantas atrocidades os levarão certamente ao maximo do art. 132. E' a primeira vez na minha vida depois que exerceo jurisdicção policial, que tenho de lavrar uma tal pronuncia: porém neste caso fal-o-hei sem que a mão me trema. Por ventura pôde despertar em nossos corações sentimentos de piedade e compaixão, monstros tao ferozes como estes? não de certo. Que o homem levado por circumstancias esprecias, pela necessidade, por desagravo de sua honra, mate a seu semelhante, o máo, é terrivel, mas ao menos não chama sobre sua cabeça a animadversão geral: porém se elle commette o primeiro, o segundo e mais crimes, e levado só pelo vil desejo de roubar, então tem mostrado suboijmente que é incorrigivel, que é um membro pobre da sociedade, e a sociedade deve exterminal-o, deve fazel-o desapparecer da superficie da terra para que sua gangrena não se contamine ao resto do corpo.

ESCRIVÃO,

Se V. S. quer assignar, os avisos estão promptos. (*Subdelegado dirige-se para assignar.*)

SCENA VIII.

OS MESMOS, o SOTA-CARCEREIRO, ESCRITURÁRIO, GUARDAS E OFFICIAES DE JUSTIÇA.

SOTA-CARCEREIRO (*apressado.*)

Sr. Subdelegado, Sr. Subdelegado, não se cance, que o exame não é mais preciso.

SUBDELEGADO.

Então porque ?

SOTA-CARCEREIRO.

Porque o Coruja já não existe.

SUBDELEGADO.

Merreu ?

SOTA-CARCEREIRO.

Foi morto.

SUBDELEGADO.

Por quem ?

SOTA-CARCEREIRO.

Quando os dous daqui se retiravão, forão altercando pelo caminho; como isto acontece quasi sempre com esta gente, eu não lhe dei maior importancia, e meti-os no xadrez. Quando já ia fechando a segunda porta, ouvi grande barulho e muitos gritos : entrei para verificar o que era, e já

achei o Coruja estendido e banhado em sangue, porque Esfoliador atracando-se com elle, cravou-lhe no ouvido um immenso prego que tinha escendido, e que o atravessou de um lado ao outro.

SUBDELEGADO.

Que fatalidade? vamos verificar este novo crime, e o senhor *ao Escrivão*) convide os medicos para fazerem esta tarde o corpo de delicto (*dirigem-se todos á porta da sahida.*)

Fim do 4.º Acto e do 8.º quadro.



ACTO V.

O theatro representa uma decente sala mobiliada com acção e simplicidade. No fundo ha tres janellas de vidraça todas levantadas de maneira que se possa ver perfeitamente tudo quanto na rua se passa. Porta de entrada á direita da scena. No lado esquerdo portas para o interior. Ornão a sala sofás, cadeiras, con-das, e tudo o mais que é de costume.

SCENA I.

ANSELMO (todo vestido de preto com o braço esquerdo ao peito, assentado em uma poltrona junto a uma mesa redonda. Christovão em pé junto delle.

CHRISTOVÃO.

Eu acho, Sr. Anselmo, que é uma grande imprudencia sua, e o medico se souber ha de ficar muito zangado. Elle que não quer que V. S. ande mesmo pelo quarto, terá razão de se enfadar, vendo-o nesta sala exposto ao ar, e até com as vidraças levanta-las. Ao menos deixe abaixal-as.

ANSELMO.

Não, não, deixe-as estar assim, estou gostando da frescura do dia, e de mais eu já entrei em convalescença. Os senhores medicos ordinariamente recommendão mais cautelas do que são necessarias com medo de que os doentes abasem.

CHRISTOVÃO.

Porém depois da grande febre que o senhor soffreu, expôr-se assim logo de repente. . .

ANSELMO.

Verás que não me ha de acontecer nada com a graça de Deus. E tambem se acontecer, não vale a pena sacrificar-me pelo motivo que me trouxe a esta sala? Não sabes que neste momento estão jurando fidelidade eterna, minha sobrinha ao distincto barão da Lagôa, e minha querida filha ao seu primo, filho do meu unico irmão? Já que pelo estado de debilidade em que me acho pelas muitas sangrias que me derão, não os pude acompanhar ao Templo para abençoal-os depois que o sacerdote abençoasse a sua união, quero ao menos esperar a sua volta nesta sala para vel-os, para abraçar meus filhos *chora*, depois do que se Deus me quizer chamar a si, nenhum pesar me restará de deixar o mundo. Mas elles já tardão. Christovão, chega à janelã e ve se os avistas, a minha impaciencia é tal, que o tempo me parece muito longo *(Christovão vai à janelã.)*

ANSELMO *(só.)*

Oh! natureza, que sabedoria respirão todos os teus decretos! Quão admiraveis são os teus arcanos! Sofre um coração longos annos males e dôres horriveis; porém basta um só momento de prazer para fazer-lhe esquecer todas as penas. Longo tempo chorei a ausencia da companheira que o destino me promettia, julgava eternos os meus pesares, encontrei-a enfim, e com uma filha, fructo do nosso ardente amor! nem mais me recordo das lagrimas que derramei, para todo entregar-me á felicidade que ora disfructo. E ainda haverá quem blasême contra a bondade divina? Impios! ingratos que não sabem reconhecer os immensos bens do que ella nos cerea.

CHRISTOVÃO *(voltando.)*

Sr. Anselmo, lá vem, elles já avistei a primeira carruagem no principio da rua.

ANSELMO.

Pois chega, chega a minha cadeira para ao pé da porta. Já que não posso correr ao seu encontro, quero estar o mais proximo possível.

CHRISTOVÃO.

Ali está ventando muito, e mais dous passos ou menos dous passos não faz differença. Perdoe-me; mas agora não obedecerei, quero tambem recalçitrar.

ANSELMO.

E' porque não és pai, é porque não sabes como palpita um coração paterno só com a idéa da felicidade de seus filhos (*oure-se bulha de carruagens fora.*)

CHRISTOVÃO.

Ahi chegão, vou ao seu encontro (*vai-se pela porta da entrada.*)

ANSELMO (*só.*)

Meu Deus! o prazer e a emoção excedem as minhas forças; conservai-me a vida, Senhor, por alguns instantes ainda, que os veja, e depois que minha alma suba em graça á vossa santa gloria.

SCENA II.

O MESMO, CARLOS (*com Eliza de braço*). (1) RODRIGO (*com Leonida de braço, ambas vestidas de noiva*.) JOSÉ DUARTE (*dando o braço a Maria Joanna*.) TESTEMUNHAS, e CONVIDADOS (*de ambos os sexos*.)

(*Apenas entrão os noivos, correm a Anselmo, e ajoelham-se junto de sua cadeira.*)

CARLOS e ELIZA (<i>dizem.</i>)	}	Todos a um tempo.
Abençoi-nos, meu tio.		
RODRIGO e LEONIDA (<i>dizem.</i>)	}	
Abençoi-nos, meu pai		

ANSELMO (*estendendo a mão sobre suas cabeças.*)

Sim, meus filhos, abençoção dos céos desça sobre vós e arrede de cima de vossas cabeças a menor sombra de desventura. Levantai-vos, vinde abraçar este velho, a quem o prazer quasi suffoca (*todos quatro levantão-se, vão abraçar Anselmo, e recuão por vel-o pallido e immovel.*)

TODOS QUATRO.

Grande Deos!

TODOS OS OUTROS.

O que succedeu!?

(1) Como nesta scena é indispensavel que appareção Leonida e Eliza conjunctamente, procurar-se-ha uma pessoa do porte de Eliza, que, coberta do véo de noiva, produza a illusão.

(*Leonida chega-se á elle.*)

MARIA JOANNA (*abraçando-se com elle.*)

Anselmo ! meu querido Anselmo !

JOSÉ DUARTE (*examinando-o.*)

Não é nada, já está voltando a si. O prazer, o grande contentamento que teve. . . . Estava muito debil para tanto.

ANSELMO.

Estou melhor, meu mal foi passageiro. Oh ! a alegria nunca mata (*vendo a filha inda chorosa*), enxuga essas lagrimas, minha Leonida; e praza aos céos que sejam as ultimas que teus olhos derramem (*estendendo a mão a Maria Joanna*) Maria ! Deus a final nos enviou um raio da sua misericordia, encontrei-te, e a igreja santificou o laço que nos une. Dêste-me uma filha, que é hoje o nosso orgulho. Meu irmão congrassando-se comigo, restituiu-me toda a sua amisade, e sua filha, que é um anjo, com o consorcio que acaba de celebrar com o nobre barão da Lagôa, veio dar novo lustre á nossa familia. Todos somos felizes ! entreguemo-nos por tanto á mais doce alegria.

TODOS.

Sim, festejemos tão faustos acontecimentos. (*Ouve-se na sua o som lugubre de uma campã.*)

ELIZA.

Céo ! que som é este tão lugubre que me faz gelar de horror !

(*Todos correm á janella para ver o que seja. As senhoras dão um grito, recuão e voltão as costas tapando os rostos. Alguns homens deixão-se ficar. Nisto vê-se passar o cortejo dos enforcados com todos os seus aprestes, e o padecente é Esfolador. Ao chegar o acompanhamento em frente da casa, o porteiro das audiencias lê o seguinte pregão.*)

PORTEIRO.

Justiça mandada fazer em Jorge Coritiba, por alcunha o Esfolador.

O porteiro dos auditorios desta Côrte conduza debaixo de pregão da cadeia do Aljube, onde se acha o padecente Jorge Coritiba, conhecido por Esfolador, ao lugar da forca, onde soffrerá morte natural para sempre, por ter sido a ella condemnado por sentença do jury desta côrte, em 31 de agosto de 1853. O que cumpria. (*Todos ficão estaticos por algum tempo.*)

ANSELMO(*exclaman do levantado-se.*)

Que extraordinaria e notavel coincidencia?! Elisa, no mesmo dia em que perante Deos um sacerdote sanctificou teu casamento, vai expiar na forca seus crimes o matador de tua mãe.

JOSÉ DUARTE.

Prostremo-nos, meus filhos, e roguemos ao Altissimo, que perdoe áquelle delincente, como nós lhe perdoamos. (*Todos ajoelhão e cahê o punho.*)

FIM DO DRAMA.